



VIDA E  
MORTE DE  
GIGI MERONI

ENTREVISTA  
COM AINHOA  
ALONSO

A LATA QUE  
DECIDIU VAGA  
NA EUROPA



# relvado

Edição #7 | Março 2019

## Redação e Revisão

Anderson Moura, @and\_moura  
Caio Bitencourt, @caiobtnrcr  
Felipe Portes, @felipeportes5  
Fernando Cesarotti, @cesarotti  
Jessica Miranda, @jessmirandinha  
Wladimir Dias, @WladDias

## Arte e Diagramação

Felipe Portes

## Agradecimentos

Ainhoa Alonso

## Contato

*revistarelvado@gmail.com*  
Twitter: *revistarelvado*

[revistarelvado.com.br](http://revistarelvado.com.br)

Por que optar pelo modelo revista no século XXI? O questionamento é válido, necessário e habitual na redação da *Relvado*. Seria possível veicular o mesmíssimo conteúdo em outras plataformas? Sim. Mas não seria igual, porque o formato revista carrega algo que vai além da mera formalidade. Ele nos permite revelar nossa identidade e valores.

Para a *Relvado*, todo caminho que não seja permeado de propósito é como um carrinho por trás: vão e estúpido. É por isso que tentamos fugir daquilo que, facilmente, se consome em outras mídias. Eis o motivo pelo qual procuramos a protagonista da edição #7. Estamos certos de que se trata de um rosto anônimo para a maioria das pessoas. Apesar disso, Ainhoa Alonso é uma pessoa necessária no mundo do futebol.

Não só por sua trajetória como jogadora e capitã do Eibar. Muito mais por seu papel como representante do futebol feminino, pelo que pensa dele e como o sente. Além disso, por ser uma forte bandeira de um clube que, como ela, é necessário; reflete a cultura de seu povo ao mesmo tempo em que não se rende à mesmice do mundo da bola.

É um clube com princípios bem definidos, liderado por mulheres e que batalha contra uma realidade de orçamentos vultosos, que não condiz com a sua. É um time que reverencia a história local, mas não fecha os olhos para as demandas do hoje.

Por fim, anunciamos que, finalmente, teremos uma versão impressa. Muitos pediram e, a bem da verdade, esse sempre foi “O” sonho. Conceber esse produto não foi fácil. Pensamos diversas hipóteses, formatos, plataformas e possibilidades. Encontramos uma que, cremos, dará certo. Esperamos — como foi no caso da disponibilização para *Kindle*, que ela seja bem recebida por vocês, caros leitores.

O ano de 2019 está sendo difícilíssimo. Nós, da *Relvado*, torcemos para que nossos artigos e entrevistas sirvam para garantir algumas horas de um prazeroso desligar da realidade. Vamos. Em frente. ■

# Índice

- 7** Botões: Alavés 2000-01
- 8** Rabiscando: Aron Gunnarsson
- 10** O Chuteira de Ouro que desbancou o Benfica de Eusebio
- 16** De craque a asteroide: o legado de Shunsuke Nakamura
- 25** Só cabe um
- 33** Vida e morte de Gigi Meroni, um bad boy à italiana
- 40** Todo mundo odeia Leonardo Jardim?
- 48** Deixa ela trabalhar
- 57** Proibido atirar latas
- 63** Vitórias que vão além do placar
- 67** Entrevista com Ainhoa Alonso

The image shows two men against a solid red background. One man, older with grey hair, wearing a grey textured blazer over a black turtleneck, stands leaning over the other man. The second man, younger with short brown hair, wearing a dark brown and white striped sweater, is seated at a desk, looking towards the camera. On the desk is a white computer monitor and keyboard. In the top right corner, there is a green rectangular box with the word 'relvado' in white lowercase letters, followed by a smiley face with eyes. Below this box, the text 'ÁREA DO LEITOR' is written in white uppercase letters, followed by the email address 'Envie a sua pergunta para: revistarelvado@gmail.com' in a smaller white font.

ÁREA DO LEITOR

Envie a sua pergunta para:  
revistarelvado@gmail.com

A *Relvado* abre espaço para sanar a curiosidade dos seus assinantes. Reunimos e selecionamos algumas perguntas para mais uma edição da Área do Leitor. Quer mandar a sua pergunta? Use o nosso Twitter, @revistarelvado.

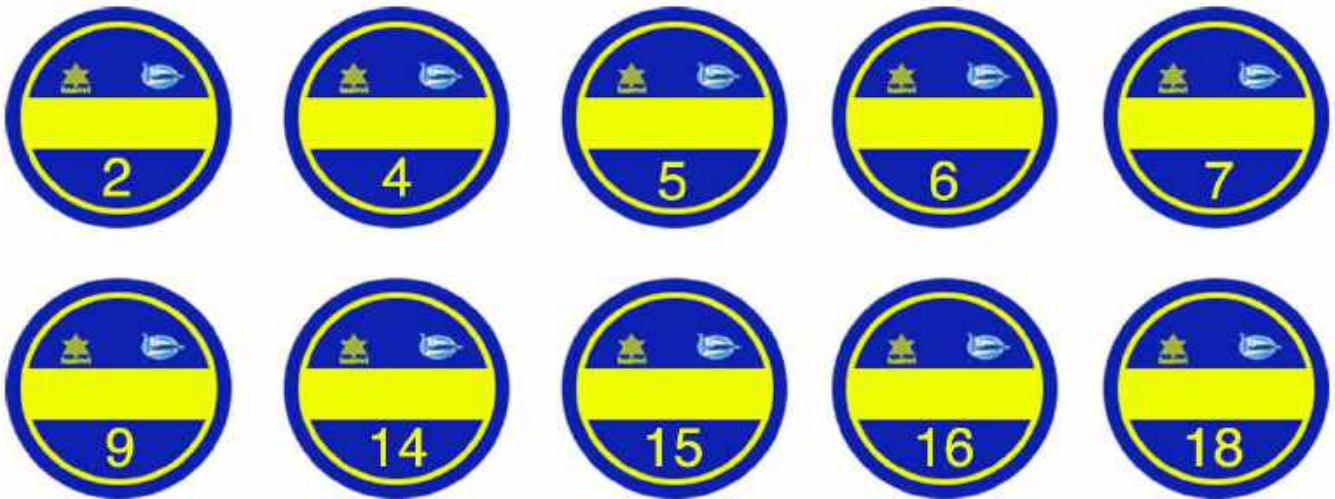
**Quem são os recordistas de títulos estaduais, por estado? (Vitor Camargo)**

Vitor, o clube com mais títulos estaduais do Brasil é o ABC, de Natal, com 55 potiguares. Depois dele, o Bahia, no Baiano, o Rio Branco, no Acreano, e o Paysandu, no Paraense, vêm com 47 conquistas. A seguir, aparecem Internacional, no Gauchão, e Ceará, no Cearense, com 45. Logo, vem o Atlético Mineiro, com 44 Mineiros. Então, temos o Nacional, com 43 Amazonenses e o Sport, com 41 Pernambucanos. No Paraná e em Alagoas, Coritiba e CSA têm, respectivamente, 38 conquistas. Na sequência, vem o Rio Branco do Espírito Santo, tendo levantado 37 canecos do Capixaba. O Sergipe tem 35 Sergipanos, o Flamengo carrega 34 taças do Carioca e o Sampaio Corrêa leva 33

Maranhenses. No Piauí, o líder é o River, com 30 glórias e, logo atrás, vêm Corinthians e Botafogo, com 29 Paulistas e Paraibanos. O Goiás tem 28 Goianos, o Baré 27 Roraimenses e o Mixto 24 Mato-Grossenses. No Rondoniense, o recorde pertence ao licenciado Ferroviário, vencedor de 18 taças, mesmo número obtido pelo Figueirense, no Catarinense. A seguir, vem o Macapá, com 17 Amapaenses. Para finalizar, o Gama tem 11 Brasilienses, o Operário 11 Sul-Mato-Grossenses e, em Tocantins, Gurupi e Palmas dividem o pódio, com seis glórias cada. Ufa.

### **O que é a Lei Bosman? (Homero Queiroga)**

Homero, a Lei Bosman é, na verdade, uma decisão judicial proferida pela Suprema Corte da União Europeia. Dessa forma, é mais correto falar em Caso Bosman. Bem, Jean-Marc Bosman foi um jogador de futebol sem qualquer distinção técnica. Em 1990, seu contrato com o RFC Liège expirou, com ele recusando a renovação. Havia interesse dos franceses do USL Dunkerque, com os quais chegou a um acordo. No entanto, a falta de acerto de uma indenização ao Liège teria impedido a formalização da negociação, o que levou Bosman a procurar a Justiça. Convém notar que, antes, era necessário esse pagamento, ainda que o contrato estivesse formalmente terminado, em um regime que, de certa forma, prendia atletas aos clubes. A conclusão do procedimento levou a duas consequências básicas. Abrigado pela legislação da União Europeia, que impedia que qualquer empregador tivesse essa espécie de “posse” sobre o empregado, Bosman conseguiu equiparar o jogador de futebol ao trabalhador comum. Ou seja: uma vez sem contrato, ele estaria livre para ir para qualquer clube. Além disso, a outra conclusão foi a de que: sendo o futebolista um trabalhador comum, ele poderia circular livremente pelos países da UE. Isso fulminou a regra que permitia apenas três estrangeiros pertencentes aos estados-membro e mais dois de outras localidades (como a América do Sul, por exemplo). O que se sucedeu foi o êxodo em massa dos grandes jogadores de ligas economicamente menos poderosas para países mais ricos. Como exemplo, a legião de holandeses do Barcelona de Louis van Gaal só foi possível por conta deste caso. ■



1 - MARTÍN HERRERA
5 - ANTONIO KARMONA
6 - ÓSCAR TÉLLEZ
4 - DAN EGGEN
2 - COSMIN CONTRA
7 - DELFÍ GELI
14 - JORDI CRUYFF
15 - IVAN TOMIC
16 - HERMES DESIO
18 - MARTÍN ASTUDILLO
9 - JAVI MORENO



Cidade | Vitoria-Gasteiz

Fundação | 1921

Temporada | Vice-campeão da Copa da UEFA

Time base | Herrera; Contra, Karmona (Begoña), Téllez, Eggen, Geli; Tomic, Desio, Jordi Cruyff, Astudillo (Pablo); Javi Moreno (Iván Alonso).

Téc.: Mané

O Alavés é um clube basco com poucas conquistas. A a equipe se orgulha de dois vices e é um constante ioiô, sempre viajando entre as quatro principais divisões da Espanha. Embora o último deles tenha acontecido na temporada 2016-17, é o outro que traz as mais incríveis memórias. Na disputa da Copa da UEFA de 2000-01, o time fez uma campanha digna de narrativa épica, passando por Gaziantepspor, Lillestrom, Rosenborg, Internazionale, Rayo Vallecano e Kaiserslautern. Contra o Liverpool, na final, o time foi bravo. Saiu atrás, 2 a 0. Diminuiu, 2 a 1. Sofreu o 3 a 1. Empatou 3 a 3. Tomou o quarto e, aos 89, empatou, 4 a 4. Na prorrogação, o brasileiro Magno, expulso, deixou o Alavés em desvantagem numérica e Delfí Gelí, contra, garantiu o título aos ingleses, 5 a 4. Épico. ■



Divulgação/Cardiff

Em tempos nos quais as autoridades políticas tentam exercitar o patriotismo dos cidadãos com medidas ineficientes, Aron Gunnarsson mostrou que é possível demonstrar o amor pela pátria de outras maneiras. É pouco provável que uma seleção tenha ascendido tanto quanto a Islândia nos últimos cinco anos. Destacando-se não só pela coreografia de seus torcedores nas arquibancadas, mas também pela competitividade de seus atletas, o país gelado fez boa figura na Eurocopa de 2016 e conseguiu uma histórica classificação para a última Copa do Mundo, na Rússia. O momento pedia celebração e o capitão da seleção homenageou a cultura local nesta tatuagem. Segundo as lendas, Griðungur, o touro, é o protetor do noroeste do país; Gammur, a águia, cuida do nordeste da ilha; Dreki, o dragão, é o responsável pelo sudeste; e Bergrisi, o gigante de pedra, é o guardião do sudoeste. No lindo desenho do tatuador Gunnar Valdimarsson, os mitos parecem bastante unidos, assim como o time islandês.



Instagram: @arongunnarsson




*A editoria Rabiscando traz histórias de tatuagens de jogadores de futebol. A pesquisa e o texto são de Anderson Moura.*



## ***O CHUTEIRA DE OURO QUE DESBANCOU EUSÉBIO E O BENFICA***

*Héctor Yazalde quebrou o domínio encarnado com uma temporada simplesmente fenomenal no comando de ataque do Sporting*

**PORTUGAL | POR WLADIMIR DIAS**



O campeonato português de 1972-73 terminou obedecendo a lógica que vinha sendo verificada no país desde o início dos anos 60, com título do Benfica.

Aquele foi o 11º êxito encarnado no dito período e contou com a sétima artilharia de Eusébio (que também venceu a Chuteira de Ouro, prêmio entregue pelo periódico francês *L'Equipe* ao maior artilheiro do continente). Subverter a ordem do futebol lusitano, portanto, não era tarefa para qualquer um, sobretudo porque as Águias não apenas dominavam esse cenário como haviam sido campeãs invictas, somando 28 vitórias e dois empates.

Para o torcedor do Sporting, aqueles dias foram um verdadeiro inferno. O Benfica ganhava, Eusébio se confirmava o grande craque nacional, e, bem, o Benfica ganhava outra vez. Convém notar que os sportinguistas tinham um time forte também. Foram eles que faturaram os títulos portugueses que seu rival não conseguiu defender desde 1960 (três); que venceram a Recopa Europeia em 1964; e que emplacaram o maior número de jogadores na histórica seleção portuguesa de 1966, terceira colocada no Mundial, com oito atletas.

Apesar disso, desde 1971, o Sporting tinha uma importante arma. Trouxera da Argentina um campeão nacional. Se, pelos lados de seu ataque, o time alviverde já tinha dois arcos — Dinis, pela esquerda, e Marinho, pela direita —, Héctor Yazalde era a flecha que faltava, e veio de Avellaneda, do Independiente, com o cartaz de melhor jogador do país em 1970. Apelidado de Chirola, o argentino foi a principal aposta sportinguista para fazer frente a um rival hegemônico.

O filho de Pedro e Petrona, que tinha outros sete irmãos, recebeu uma missão e tanto. Mas balançar as redes rivais era algo que lhe parecia natural e mais fácil do que as tarefas que já tinha enfrentado até ali — trabalhando, por exemplo, como vendedor de jornais e ajudante em uma mercearia. Era um jogador simples, com sonhos comuns. Seu inevitável protagonismo, já que ele era o goleador da equipe, nunca gerou controvérsia. Por outro lado, as alegrias provocadas por eles foram muitas.

Yazalde entregou montanhas de gols em Alvalade. Em sua primeira temporada, aquela que demandou algum esforço de adaptação, foram 13 tentos em 28 partidas (em todas as competições). Em sua estreia, fez um triplete, e estava apenas esquentando. Na segunda temporada, a soma subiu para respeitáveis 28 tentos em 38 jogos. Note-se: ele ainda estava longe de seu melhor. Nada que o tenha impedido de levantar seu primeiro caneco: o da Taça de Portugal.

O adversário foi um forte Vitória de Setúbal, que vinha de um vice-campeonato nacional e contava com a força ofensiva d'O Bom Gigante, José Augusto Torres, um goleador de 1,91m, ídolo do Benfica dos anos 60. E os Sadinós foram bravos e honrados, só não bons o suficiente.

Yazalde fez o segundo dos três gols que deram a vantagem ao Sporting. O Vitória ainda marcou duas vezes,

mas não evitou que no Jamor se ouvisse o rugido do Leão. O melhor ainda estava por vir. Todavia, o início não foi nada auspicioso.

Na partida de estreia, o vencido na Taça de Portugal se vingou. Pela margem mínima, o Vitória de Setúbal ofereceu logo um choque de realidade ao time lisboeta, vencendo por 1 a 0. Em especial, o susto serviu para acordar Yazalde, que já no segundo jogo anotou duas vezes, ajudando o Sporting a superar o Boavista por 3 a 1. A partir daí, houve poucos escorregões. Depois da primeira vitória, vieram outras seis, em que os sportinguistas comemoraram assombrosos 34 gols — 17 deles do Chirola.

Veio, então, a segunda turbulência. Em três rodadas, o Sporting empatou com o Porto, venceu o Vitória de Guimarães e foi batido duramente pelo Benfica, contra quem lutava a temporada inteira. Mas o time acordou novamente e emplacou uma sequência de cinco vitórias, outra vez com registros impressionantes: 19 gols marcados, sendo nove de Yazalde, que se consolidava como um impressionante goleador.

Uma terceira onda de preocupação atingiu Alvalade, com outra sequência de um empate, uma vitória e uma derrota — disputando a ponta contra um rival tão bom quanto era o Benfica e com a vitória valendo apenas dois pontos, estes recordes eram duros. Outra vez, o Sporting respondeu forte. Goleou, impiedosamente, o modesto Oriente, 8 a 0, com a flecha sportinguista atingindo o alvo cinco vezes. Fatal. O time só foi perder cinco rodadas depois, e justamente para o Benfica. Depois disso, o alviverde permaneceu invicto, com um empate e três vitórias.

Na rodada final, os dois rivais podiam ganhar o campeonato. O Sporting liderava a disputa, com 47 pontos — o Benfica tinha 46. Os alviverdes só precisavam fazer o dever de casa, e o fizeram. De todas as formas, contaram

com uma ajudinha inesperada: o Vitória de Setúbal custou um ponto aos encarnados, empatando por 2 a 2. O Leão rugiu novamente. E junto dele gritou um argentino.

Se o time de Alvalade obteve números assombrosos, marcando 96 gols em 30 jogos (o melhor ataque, com sobras), e concedendo apenas 21 (outro recorde), muito disso se deu por conta da eficiência de Yazalde, o autor de 46 tentos e um jogador que esteve presente em cada uma das partidas que o time disputou. O troféu de campeão português viajou uma curta distância, mudando apenas de lado na capital portuguesa. Assim como a Chuteira de Ouro. Se um ano antes Eusébio a levava para casa com seus grandiosos 40 gols, Chirola a tomou com propriedade, pulverizando a marca do Pantera Negra.

Na temporada completa, Yazalde anotou mais quatro gols, totalizando 50 em 35 jogos. E o Sporting ainda levou para casa, outra vez, a Taça de Portugal. Na ocasião, reafirmou seu poder e se vingou. Mesmo sem seu poderoso argentino — que estava lesionado e se juntara à seleção argentina às vésperas da Copa do Mundo na Alemanha —, o time venceu o Benfica por 2 a 1, coroando uma temporada de sonho.

É difícil dizer qual seria o trunfo de Héctor Yazalde, mas, sendo ele a flecha, talvez tenha sido o estabelecimento de fortes laços com seus vários arcos, conforme sua esposa diria muitos anos mais tarde, em 2017, ao *Observador*: “O Chirola sempre foi um homem atento aos pormenores e isso fazia a diferença nas relações humanas. Antes dos jogos, era costume haver um carro como prêmio para o autor do primeiro gol.

Como Chirola era quase sempre o vencedor e já tinha um BMW bordeaux que adorava, ele fazia papelinhos e sorteava o carro pelos companheiros durante o treino do dia seguinte”.

Divulgação / Sporting



Yazalde jogou por mais um ano no Sporting, depois seguiu para o Olympique de Marselha e retornou à Argentina em 1977, para o Newell's Old Boys, em uma tentativa de ir ao Mundial de 1978. Não foi e essa dor o perseguiu durante o resto de sua curta vida, terminada em 1997, por uma parada cardíaca. Tinha 51 anos.

Sonho de brilhar com a *Albiceleste* à parte, o atacante já estava na história do futebol, afinal não era tarefa fácil superar o Benfica e, muito menos, um craque da estirpe de Eusébio. E Chirola conseguiu. ■



## ***DE CRAQUE A ASTEROIDE: O LEGADO DE SHUNSUKE NAKAMURA***

*Meia japonês fez sucesso na Europa e está muito perto de abandonar o futebol para se transformar em uma lenda*

**JAPÃO | POR FELIPE PORTES**





**U**ma falta bem cobrada é motivo de orgulho, seja na vida real, ou com um joystick nas mãos. Nesse quesito, poucos astros do futebol mundial revelaram ter um pé tão letal quanto o do japonês Shunsuke Nakamura. Sim, se você tem algo entre 20 e 30 anos, deve conhecê-lo pelos tempos de adolescência e vício nos games. Na vida real, o ídolo nipônico deixou uma marca indelével por conta de sua precisão, sua técnica ao bater na bola e por ser protagonista de uma das melhores seleções do Japão, em sua curta tradição futebolística.

A estrada foi longa na carreira de Shunsuke, que completou 40 anos em junho de 2018. Contratado pelo Jubilo Iwata em 2017, depois de bons anos como referência no Yokohama F Marinos, ele acena em seus últimos passos no esporte.

A trajetória começou em 1997, quando estreou pelo Marinos, superando várias situações adversas. Antes disso, vinha demonstrando pouca evolução física entre os juniores e optou por concluir sua formação em Kawasaki, fazendo viagens diárias com duração de mais de duas horas. Um sacrifício que valeu a pena: a opção visava a

garantia de melhores oportunidades na tentativa de se tornar jogador. Apesar da logística desfavorável, o período serviu para alimentar o sonho de entrar nos gramados como profissional. Entretanto, embora fosse tecnicamente inquestionável, Nakamura ainda precisava de fortalecimento muscular para suportar o nível de disputa.

Formado no colégio de Toko Gakuen, saiu direto para o elenco do Yokohama Marinos, seu time de coração. A ascensão meteórica coincidiu com a explosão do futebol japonês fora das fronteiras asiáticas. O sucesso de Hidetoshi Nakata, contratado pelo Perugia em 1999, abriu as portas para outros japoneses, sobretudo no mercado italiano. Para o meia, o momento também acabou ficando marcado por uma referência bizarra, completamente fora do futebol. Pouco antes da virada do milênio, [o astrônomo Akimasa Nakamura batizou o asteroide 29986 \(1999 XW37\) como Shunsuke, em homenagem ao ídolo.](#)

Nakamura jogou as Olimpíadas em 2000 e também esteve no elenco que conquistou a Copa da Ásia no mesmo ano. Plenamente credenciado a jogar fora do país, deu o salto definitivo em 2002, quando assinou com a Reggina. Outros italianos queriam contratá-lo, e houve até o rumor de que o Real Madrid queria contar com os serviços do meia. Em busca de espaço e de titularidade, buscava superar a grande decepção de ter ficado fora da Copa do Mundo daquele ano, realizada em solo asiático, com a divisão de sedes entre a Coreia do Sul e o Japão.

Em 2005, mais experiente, transferiu-se para o Celtic e encontrou o que seria o seu auge técnico e midiático. De repente, todos queriam saber quem era o mago da bola parada que vestia a camisa 25. A idolatria dos escoceses em relação a Nakamura certamente foi um termômetro de sua passagem por Glasgow. Tricampeão escocês, bicampeão da Copa da Liga Escocesa e vencedor da Copa da Escócia,

após quatro temporadas, saiu de Parkhead mil vezes maior do que chegou.

Euan Marshall, escocês radicado em São Paulo desde 2010 e torcedor do Celtic, guarda com afeto as lembranças de Shunsuke como motorzinho do time. Tem, inclusive, uma camisa com o nome do ídolo, o que para um fanático pelos *Hoops* talvez não seja um fato tão raro assim.

Divulgação / Celtic



“Ele jogou pelo clube em uma época perfeita para mim. Eu ia bastante ao estádio, assinava os canais, e acompanhava todos os jogos da temporada. Quando ele chegou, a percepção era que na Escócia não tínhamos jogadores daquele nível de qualidade. Percebemos a habilidade de Nakamura imediatamente. A torcida se empolgou com a chegada de um jogador tão especial. É verdade que ele demorou a jogar bem, porque não se adaptou ao ritmo e ao jogo escocês. Era muito leve. Mas ele começou a

fazer jogadas incríveis, então ficamos muito surpresos. Foi um gênio. Dava muito prazer em vê-lo jogar. Tenho muitas memórias dele, que foi o jogador mais habilidoso na Escócia por muitos e muitos anos. [Henrik] Larsson era incrível, muito inteligente, se esforçava bastante, e era habilidade pura, mas acho que só Brian Laudrup e Paul Gascoigne se comparam com Naka nos últimos 30 anos, dentro do Campeonato Escocês”, explicou.

O que encantou genuinamente os escoceses, contudo, foi a bola parada. Nisso, Shusuke era incomparável. “Tínhamos a consciência de que ele era muito bom cobrador de faltas. Reza a lenda que o técnico da época, Gordon Strachan, não viu Nakamura jogar antes de decidir pela contratação. Viu apenas um vídeo mostrado pelo empresário e se convenceu. Ele podia fazer qualquer coisa, então Strachan brincou que ele podia abrir latas de feijão com o pé esquerdo. Quando Nakamura virou a referência técnica do time, ficou muito confortável, e então ele vivia fazendo gols de falta. O segundo, e mais importante foi quando jogamos contra o Manchester United, e ele marcou nos minutos finais [na Liga dos Campeões da temporada 2006-07]. Foi incrível, de longe, não tinha jeito para o goleiro pegar. Ganhamos e fomos líderes do grupo, nos classificamos. Inclusive me machuquei comemorando aquele gol. Havia a percepção de que qualquer falta à meia-distância seria gol. Ele estava confiante, nós estávamos confiantes. Depois, Naka ainda fez um gol de título no Escocês, também de falta, contra o Kilmarnock. Ele foi mágico no Celtic!”, comentou Euan.

*[Nota: A temporada 2006-07 foi a primeira vez que o Celtic conseguiu chegar à fase de mata-mata no novo formato da Liga dos Campeões]*

Em certo ponto dos quatro anos de Celtic, Nakamura se transformou em uma entidade sobrenatural. É comum que estrangeiros notáveis estejam mais presentes na memória, mas no caso dele, a admiração transcendeu as quatro

linhas. Ele podia ter defendido um gigante continental, o Liverpool, em 2007, mas recusou a aproximação dos Reds por gratidão ao Celtic. Outro fato histórico foi o gol no *Old Firm Derby* contra o Rangers.

Chamado de “Expresso do Oriente” pelo jornal *The Scotsman*, o atleta superou a descrença em torno de sua contratação e, com louvor, saiu aclamado pelas arquibancadas quando partiu para a Espanha, onde viveu um breve interlúdio com o Espanyol. A distância da família, contudo, pesou para fazer da estadia na Catalunha um pesadelo. O despertar veio em 2010, com um retorno repentino ao Yokohama F Marinos. Perto da esposa e dos filhos, reviveu o sonho de jogar pelo clube de infância e disputar sua segunda Copa do Mundo, já que havia disputado o certame de 2006.

Foram alguns meses de sofrimento até o Mundial, objetivo maior de Shunsuke ao aceitar o convite do ex-clubes. Visando entrar em forma, acabou mofando no banco durante a Copa na África do Sul e se preparou para a reta final de sua carreira, aos 32 anos. Maestro do time nos anos seguintes, chegou perto de conquistar a J-League em 2013, com desempenho suficiente para isso.

Entretanto, na reta final, Nakamura sofreu uma lesão no joelho e ficou de fora. Por consequência, os jogadores sentiram a pressão da ausência de seu capitão e perderam três das quatro partidas restantes, entregando o título de bandeja para a Sanfrecce Hiroshima. Bastava apenas ter vencido o Albirex Niigata (em casa) ou o Kawasaki Frontale para confirmar a conquista.

Apesar do tropeço inesquecível, o ídolo foi eleito o melhor jogador da temporada japonesa. E mais: houve vingança contra a Sanfrecce, na final da Copa do Imperador, abrindo o ano de 2014 com uma vitória por 2 a 0. Recuperado, Nakamura jogou normalmente e deu a volta por cima. O

problema é que a alegria durou pouco. No mesmo ano, o Marinos foi adquirido pelo City Group, conglomerado que comanda, entre outras equipes mundo afora, o Manchester City. A constante pressão por resultados e a intromissão dos dirigentes na montagem do elenco incomodou Nakamura, que se desgastou ao ponto de ir embora brigado com a diretoria, em 2017.

Recordista em gols de falta na J-League e jogador que mais vestiu a braçadeira de capitão na equipe de Yokohama, despediu-se definitivamente de sua cidade natal alegando que não conseguia mais ver o futebol como antes, por conta das exigências da nova gestão.

“Preciso seguir o que diz a minha alma, encarar o futebol de maneira sincera até o momento em que eu parar de jogar. Quero fazer isso com a certeza de que estou aproveitando a experiência e tendo prazer. Decidi ir embora depois de muito deliberar a respeito, e estou magoado por deixar o Marinos. Meu coração estava certo de que eu iria me aposentar aqui, e eu nem pensava em ir embora, um ano atrás. Não queria deixar o número 10 na camisa, que tanto gosto. Mas todos os dias senti que algo estava errado.





Tive de lidar com isso como capitão, mas isso acabou me tirando tempo para me dedicar ao futebol, propriamente dito. Quero parar de jogar de uma maneira que não me cause arrependimento ou exaustão. Quando eu penso em um lugar que me faça sentir o futebol do jeito que gosto, creio que esse não é mais o meu lar. Tive de escolher um caminho diferente que fosse bom para mim”, confessou o jogador ao site do Yokohama Marinos.

Enquanto Shunsuke perde espaço e minutos no Jubilo Iwata, o status de lenda segue inabalado. E é inevitável que se tenha a imagem dele como eterna dentro do futebol japonês. Talvez seja possível mensurar o seu legado apenas quando ele sair de cena. Por agora, ainda há tempo de reverenciar o gênio das cobranças de falta, um dos últimos grandes camisas 10 japoneses. ■

Nos últimos 20 anos, a Trivela se tornou referência em futebol, indo além do campo e trazendo informação, história e contexto.



Queremos fazer mais nos próximos 20 anos e, para isso, contamos com o nosso principal foco: os leitores.



Faça parte do financiamento coletivo da Trivela e contribua com jornalismo independente de qualidade.

Apoie-nos no Padrim!

[www.padrim.com.br/trivela](http://www.padrim.com.br/trivela)







## **SÓ CABE UM**

*Com três paredões de primeira linha, Palmeiras repete fase em que goleiros de alto nível tiveram de esquentar o banco de reservas. Relembre alguns desses momentos do futebol paulista*

**BRASIL | POR FERNANDO CESAROTTI**



**C**ontra o Red Bull, Weverton. Diante do Botafogo, Fernando Prass. Contra o São Caetano, Jailson. Nos três primeiros jogos do Palmeiras em 2019, o técnico Luiz Felipe Scolari escalou um goleiro diferente, num revezamento raro no futebol brasileiro. O mais comum, quando bons goleiros disputam posição em um time, é que um se firme como titular e o outro acabe relegado ao banco.

Foi o que aconteceu no próprio Palmeiras em 2018: depois que assumiu a posição, na metade do primeiro turno do Brasileirão, ainda sob o comando de Roger Machado, Weverton não perdeu mais o lugar. O próprio Roger acabou demitido, mas o goleiro seguiu como titular com a chegada de Filipão, deixando os veteranos Prass, 40 anos, e Jailson, 37, como reservas de luxo. Não é exatamente uma situação incomum na história do Palmeiras.

Em um de seus maiores títulos, a Copa Rio, em 1951, o Verdão se deu ao luxo de deixar no banco a lenda Oberdan Cattani – acusado de falhar na derrota por 4 a 0 para a Juventus, na primeira fase, ele deu lugar a Fabio Crippa, que assumiu a

posição até a final e a conquista do título. Oberdan levaria quase dois anos para voltar a se firmar como dono da camisa 1 do Verdão e ainda jogaria mais um ano, até 1954, antes de trocar o clube pelo Juventus da Mooca e, depois, se aposentar.

A mesma chance não teve Leão. Na década de 1970, ele só não foi titular do Palmeiras quando esteve na Seleção Brasileira – e foram muitas ocasiões, já que disputou as Copas de 1970, 1974 e 1978. Quando voltou do Mundial da Argentina, retomou a posição ocupada por Gilmar e liderou o time até a decisão do Brasileiro, contra o Guarani, quando foi expulso no primeiro jogo por uma agressão juvenil a Careca.

Sem clima para permanecer, foi vendido ao Vasco e voltou em 1984, depois de passar por Grêmio e Corinthians. Com boas atuações, foi lembrado por Telê Santana para a Copa de 1986, mas apenas assistiu aos jogos no México. Quando voltou, Emerson fez apenas cinco partidas e, depois de uma derrota para o São Bento em Sorocaba, perdeu a posição para Martorelli e nunca mais jogou. Estava no banco quando o time foi derrotado pela Inter de Limeira, na final do Paulistão, e logo depois foi embora para o Sport, onde mais tarde encerraria a carreira para virar técnico.

Apesar da falha grotesca naquela decisão, Martorelli seguiu titular por quase um ano, até ser expulso (ironicamente) num jogo contra o Guarani e perder espaço para Zetti. O novato se destacou, chegando a 12 jogos sem levar gol, exatos 1.238 minutos. E foi o dono da posição por mais de um ano, até novembro de 1988, quando quebrou a perna numa dividida com Bebeto, num jogo contra o Flamengo, do Maracanã – o jogo que ficou famoso pelos pênaltis defendidos por Gaúcho. Zetti nunca mais jogaria pelo Palmeiras.

No ano seguinte, outro novato assumiria o gol, Velloso, que teria momentos de idolatria e outros amargando a reserva, de Gato Fernandez, em 1994, e Marcos, em 1999, quando deixou o clube para jogar no Atlético Mineiro. Marcos ainda

Divulgação / Facebook Zetti



deixaria outros novatos talentosos no banco; o mais bem-sucedido deles foi Diego Cavalieri, que, após uma passagem sem sucesso pelo Liverpool, foi campeão brasileiro pelo Fluminense.

A grande diferença do momento atual é que quase todos os nomes citados nos parágrafos acima foram formados no que se convencionou chamar de “escola de goleiros” do Palmeiras, escola essa que nos últimos anos vem sendo pouco acionada, na prática – Prass chegou do Vasco em 2013 com uma carreira sólida e um título de Copa do Brasil na mala, enquanto Jailson era um já veterano goleiro de muita rodagem e pouco sucesso, que chegou em 2014 quando Prass estava contundido e o novato Fábio não dava conta do recado. A própria contratação de Weverton, no começo de 2018, foi muito contestada por parte da torcida, que teme pelo fim da tradição num momento em que o clube, com as finanças em ordem graças ao patrocinador, pouco tem aproveitado os jogadores da base.

## Viradas de casaca para o Morumbi

Depois de ficar um ano parado, e de ver Velloso fazer sucesso, Zetti deixou o Palmeiras no começo de 1990 e se transferiu para o São Paulo. Lá, teve de esperar pelo menos seis meses para jogar, já que o titular era uma estrela, Gilmar Rinaldi, que já estava no clube havia cinco anos e tinha conquistado três títulos paulistas (1985, 1987 e 1989) e um Brasileiro (1986).

A chegada de Gilmar acabara com uma fase terrível para o gol do São Paulo. Depois de mais de uma década como titular, Waldir Peres foi embora no 1984 e, por mais de um ano, o time revezou Abelha, Tonho e Barbirotto no gol, mas nenhum deles se firmou, [como conta o historiador tricolor Alexandre Giesbrecht](#).

Em 1987, porém, Gilmar ganhou uma sombra. Destaque do Colo Colo, que o São Paulo havia enfrentado na Libertadores daquele ano, e da seleção chilena, vice-campeã da Copa América depois de aplicar um sonoro 4 a 0 sobre o Brasil, Roberto Rojas chegou ao Morumbi com status de estrela internacional. Rojas permaneceu no clube por dois anos, alternando-se com Gilmar na titularidade, e ainda era atleta tricolor quando foi banido do futebol, após a famosa farsa do rojão nas Eliminatórias, contra o Brasil, no Maracanã. Foi quando Zetti chegou.

Aos poucos, ganhou a confiança do técnico Telê Santana e foi se mantendo como titular durante a campanha do vice-campeonato brasileiro de 1990. Gilmar percebeu que seu tempo no Morumbi tinha acabado e se mandou para o Flamengo.

O Tricolor, então, começou a dar espaço para jovens como Alexandre, que morreria num acidente de carro; Marcos, que depois passaria sem brilho por vários clubes do interior paulista; e Rogério Ceni, que esperou cinco anos por uma oportunidade – no meio do caminho, seria campeão da Copa Conmebol, em 1994, com um time reserva, conhecido

como “Expressinho”, comandado pelo então auxiliar Muricy Ramalho. Nos quase 20 anos como titular do São Paulo, Ceni nunca teve um reserva à altura, e até agora o time não viu um goleiro se firmar como titular após sua saída.

## A linhagem em Itaquera

Twitter / Corinthians



O Corinthians também “acumulou” goleiros algumas vezes – na campanha do título paulista de 1977, que tirou o time de mais de duas décadas de fila, Jairo e Tobias se revezaram no gol. Tobias foi o titular na histórica finalíssima contra a Ponte Preta, mas Jairo havia atuado na partida anterior.

Em 1983, a chegada de Leão mandou para o banco Solito, ídolo da torcida e um dos ícones da “Democracia Corinthiana” liderada por Sócrates, Casagrande e Wladimir. Até hoje se discute se Leão foi um dos responsáveis (ou o estopim) que causou o fim do movimento democrático dos corinthianos. Divergências políticas e uma relação conturbada com os colegas contribuíram para uma saída rápida do ex-palmeirense no Parque São Jorge, em 1984. Ele voltou ao Parque Antarctica.

Três anos se passaram e o Timão tinha outro problema com um arqueiro de renome. Em 1987, quem sentou no banco a contragosto foi Carlos, titular da Seleção Brasileira na Copa do Mundo do ano anterior. Prevendo que ele seguiria sendo convocado e perdendo jogos importantes (o que de fato aconteceu), a diretoria buscou o ex-tricolor Waldir Peres, que vinha de passagens por América-RJ e Guarani.

Com Waldir, o time reagiu depois de um péssimo começo de Paulistão, quando ficou na penúltima colocação na tabela do primeiro turno. O veterano goleiro, que havia marcado época pelo São Paulo, ganhou a confiança do técnico Formiga e não saiu mais do gol. Apesar disso, o time degradingolou em campo e voltou a dar sinais de piora, sobretudo na Copa União, ainda em 1987.

Quando Carlos voltou de uma série de amistosos na Europa e da Copa América, disputada na Argentina, foi direto para o banco. Voltou a ser titular apenas no ano seguinte, mas se contundiu; Waldir também estava machucado, e de repente surgiu a chance para o garoto Ronaldo Giovanelli. [Logo na sua estreia, Ronaldo defendeu um pênalti do São Paulo](#), em clássico vencido por 2 a 1 pelos alvinegros. Só saiu no começo de 1998, depois de nada menos que 602 jogos.

Aos veteranos Carlos e Waldir só restou ir embora – o primeiro foi jogar na Turquia, o segundo na Portuguesa. Como se vê, a paciência não costuma ser a virtude dos grandes goleiros. ■

O MELHOR DO FUTEBOL ITALIANO

CALCIOPÉDIA PRO

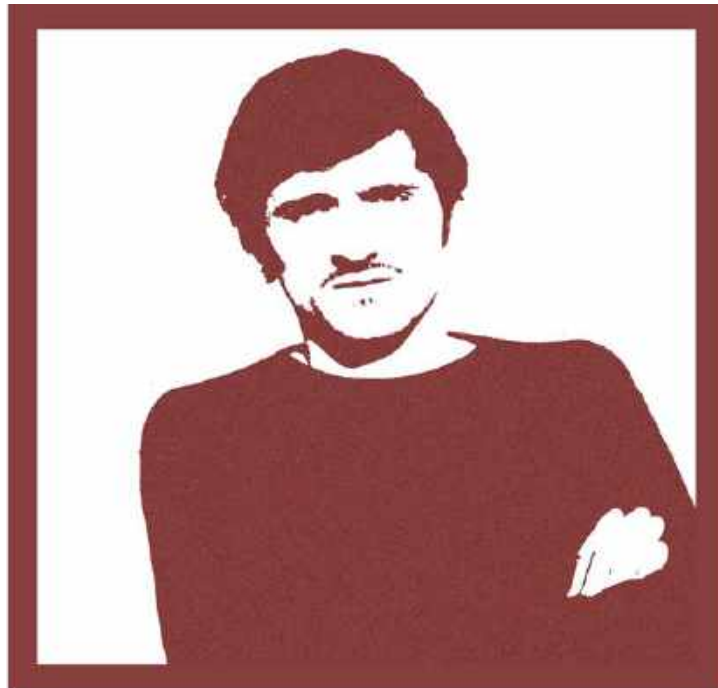


[f/calciopediabr](https://www.facebook.com/calciopediabr)

[@calciopedia](https://www.instagram.com/calciopedia) [/calciopedia](https://twitter.com/calciopedia)

[calciopedia.com.br](http://calciopedia.com.br)





## ***VIDA E MORTE DE GIGI MERONI, UM BAD BOY À ITALIANA***

*Meia ficou famoso quando atuou pelo Torino e tinha estilo rebelde. Sua morte, em uma tragédia pessoal sem precedentes, marcou para sempre a torcida do Toro*

**ITÁLIA | POR CAIO BITENCOURT**



**N**ascido em Como, no dia 24 de fevereiro de 1943, filho de Rosa Meroni, e órfão de pai, Luigi Meroni começou no futebol na mesma cidade, no campinho de um oratório, onde jogava pelo time do bairro, o Libertas, junto com seu irmão Celestino. Também tinha uma irmã, Maria. Mas o futebol ainda não lhe sustentava, e para ajudar a família, era designer de gravatas de seda e pintor.

Chegou a ter uma chance na Internazionale, mas sua condição de vida não era boa o suficiente para bancar as viagens diárias para Milão. A vida de Gigi começaria a mudar quando ele foi para as categorias de base do Como, em 1960. Após duas brilhantes temporadas vestindo a camisa lariana, com apenas 19 anos, assinou com o Genoa em 1962. Um jogador jovem no clube mais velho da Itália.

Na cidade iluminada pela grande lanterna, o meio-campista brilhou ainda mais. Foi campeão da Copa dos Alpes, torneio entre italianos e suíços em 1962 e 1964, e além disso, teve boas

prestações na Serie A. Tinha tanto prestígio com a torcida do Genoa que a torcida se mobilizou para mantê-lo no clube. Mas em 1964 foi cedido ao Torino treinado por Nereo Rocco, em meio a ida do espanhol Joaquín Peiró para a Inter.

### **Avesso às convenções sociais**

No clube granata, começou a se mostrar uma das grandes facetas de Meroni: a personalidade controversa para a época, que o fazia ser comparado a George Best, lenda do Manchester United. Era comparado com o craque norte-irlandês também pelo estilo de jogo, de muitos dribles e jogadas individuais.

Era conhecido por ser amante de Beatles e jazz, pintar quadros, ler livros e escrever poemas. Convivia numa casa em Piazza Vittorio, bairro de Turim, com Cristiana, na qual se apaixonou tão perdidamente que foi parar a cerimônia do casamento dela com outro homem, imposto pelos pais da moça.

Na época, conviver com uma mulher separada era uma afronta à sociedade, especialmente em um país tão católico quanto a Itália. Ainda mais em tempos nos quais o divórcio sequer tinha sido aprovado pela legislação. Para piorar o caso, Cristiana ainda tinha legalmente o nome ligado ao casamento imposto com um diretor de empresa romano.

Outra afronta de Gigi era usar cabelos compridos, costeletas e barbas grandes. Graças às boas atuações no Torino, formando uma inesquecível dupla no ataque ao lado do centroavante francês Nestor Combin, Meroni foi logo para a seleção italiana, conhecido como o “beatnik do gol”.

Seus cabelos, contudo, lhe criaram um problema: o técnico Edmondo Fabbri impôs ao meio-campista que ele se apresentasse com um penteado curto e sem barba. Logo Gigi, que adorava usar roupas semelhantes às que os Beatles usavam na época, riu e recusou a convocação, o que lhe deixou fora dos Jogos Olímpicos de Tóquio, em 1964.

“Por que eu deveria mudar? Eu sou assim porque eu aprecio. Eu não estou apenas nadando contra a maré. É o meu gosto”, afirmou o atleta, certa feita. “Sou um cara simples, porque me sinto um sujeito simples. Mas a opinião pública quer impor o papel de estranho a todo custo. Sou feliz sobre mim mesmo. Eu nunca fiz nada que não faria de novo”.

Gigi teve sua primeira convocação para a seleção, agora sim, sem problemas, na partida contra a Polônia, em 1965, pelas Eliminatórias da Copa do Mundo de 1966. Marcou seus dois únicos gols pela seleção em amistosos diante de Bulgária e Argentina. Ainda uma presença polêmica na convocação da *Squadra Azzurra*.

Independente disso, integrou o elenco da seleção italiana na Copa do Mundo de 1966. Apesar das boas atuações do camisa 7 do Toro e das divergências com o treinador, ele foi considerado como um dos principais culpados pela eliminação, muito por conta de seu estilo de vida fora de campo. O ácido jornalista italiano Gianni Brera o definia como “almofadinha”.



Meroni era visto como alguém inconveniente para a sociedade italiana, incontestavelmente conservadora. Um personagem em constante queda de braço com a opinião pública. Para Gigi, viver dessa maneira era o resumo da felicidade, tendo em vista que ele não fazia questão de zelar por sua imagem como muitos fariam hoje. Traços de personalidade.

A pecha de culpado pelo fiasco em 1966 não colou em Turim, felizmente: os torcedores *granatas* o amavam. Seu estilo despojado e driblador dentro e fora de campo ajudaram a estreitar a relação com os seus súditos nas arquibancadas. Mais tarde, eles chegaram a fazer protestos nas ruas para impedir, com sucesso, a ida dele para a rival Juventus.

### **O homem de meio bilhão de liras**

A sondagem juventina girava em torno de meio bilhão de liras, um valor impensável para o cenário do futebol em 1967. Por conta dessa possível transação, Meroni foi apelidado pelos jornalistas de “Mister Mezzo Miliardo” (Senhor Meio Bilhão, em tradução livre).

A negociação quase foi concluída, mas a revolta da torcida do Torino, somada a uma ameaça de greve dos operários da Fiat, fizeram Agnelli e o presidente do Toro, Orfeo Pianelli desistirem da ideia.

O protesto granata tinha certa razão na bola jogada por Meroni, que encantava até torcedores juventinos (incluindo o próprio Gianni Agnelli, que ia costumeiramente ao Comunale de Turim assisti-lo) e também por conta de exemplo de vida. Os jovens *tifosi* do Toro certamente se espelhavam em Luigi, símbolo dos tempos que precederam diversas revoluções culturais que eclodiram no ano de 1968, mundo afora.

Em 1967-68, começava uma boa temporada do camisa 7 granata. Meroni já havia ajudado a decidir uma vitória fora de casa diante da Inter. Justamente o clube que ele não pôde

defender por não ter como frequentar os treinos, lá no início de sua trajetória. Mais do que isso: a equipe *nerazzurri* estava invicta há três anos em casa.

Logo após uma vitória por 4 a 2 sobre a Sampdoria em casa, na qual foi expulso e mesmo assim eleito como melhor em campo, no dia 15 de outubro de 1967, Meroni fora convidado a sair com seu companheiro de time Fabrizio Poletti. Os dois se encontrariam com suas respectivas namoradas. Gigi já havia se separado da mulher, Cristiana Uderstadt, após autorização da Igreja.

Quando cruzava a Corso Re Umberto para tomar um sorvete, o meia foi atropelado por um Fiat 124 Coupé. O motorista que dirigia o veículo acertou Poletti e Meroni, que com o impacto, foi atirado para o ar e caiu na outra pista. Na via ao lado, um Lancia Appia passava à toda velocidade e não conseguiu desviar de Meroni, que teve seu corpo jogado por outros 50 metros. Meroni foi levado ao hospital por um pedestre, com o agravante de que as ambulâncias demoraram a chegar ao local do acidente. Ele chegou ao hospital com pernas e pélvis fraturadas, além um ferimento grave na cabeça. E morreu ao final da noite, com apenas 24 anos de idade.

Mais de 20 mil pessoas presenciaram o funeral de Gigi e o luto abateu por completo a cidade de Turim. Até do cárcere das prisões da cidade lhe enviavam flores. A imprensa pareceu perdoar o seu caráter rebelde, mas a Arquidiocese de Turim, não. Além disso, se opôs a um funeral para “um pecador público” e criticou o capelão do Torino que fez a cerimônia do funeral.

Depois do luto, houve um *Derby della Mole* entre Juventus e Torino, no qual os granata venceram por 4 a 0 e dedicaram a vitória a Meroni. A partida foi marcada por um show de Alberto Carelli, substituto dele, marcando uma vez. Curiosamente, Carelli vestia a mesma camisa 7. Gigi nunca havia vencido um clássico contra a Juve pelo Torino.

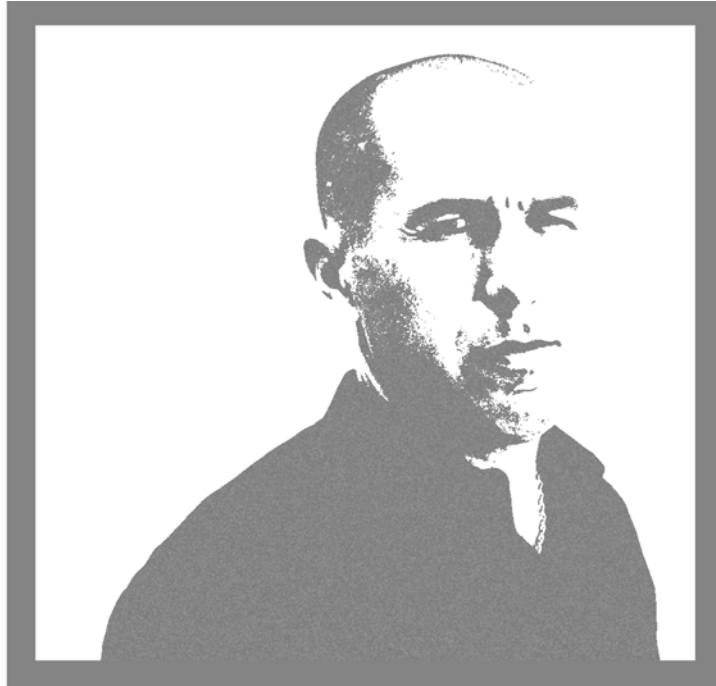


## Um legado melancólico

Outro desdobramento da morte de Meroni é que Attilio Romero, responsável por seu atropelamento, foi absolvido da acusação de homicídio culposo pelo acidente. Como se não bastasse tanta tragédia, 33 anos depois, em 2000, Romero foi eleito presidente do Torino, para revolta completa da torcida. Dois anos mais tarde, em 2005, o mandatário foi o principal responsável pela bancarrota da agremiação. Attilio acabou preso, mas não pela imprudência de trânsito no passado.

O melhor comentário sobre Gigi veio, ironicamente, de um dos críticos mais ferozes a seu estilo, o jornalista Gianni Brera, que reconheceu-o após a morte: “Você era jovem e puro o bastante para não se esquecer de ser verdadeiro até nas estranhezas”. É reconhecido pelos torcedores do Torino até hoje, sendo parte de um hall da fama granata.

Um jogador diferente de tudo. Que era diferente no modo de viver na época, de jogar. Que não gostava de bater pênaltis, mas que driblava os adversários do mesmo jeito que gostava de driblar os costumes de sua época. Alguém que seus companheiros podiam contar tanto nas horas de amizade, como para fazer os gols impossíveis que davam as vitórias ao Torino em uma época que dificilmente sairá da mente de quem viveu aqueles dias. ■



## ***TODO MUNDO ODEIA LEONARDO JARDIM?***

*Treinador português é um dos grandes nomes do cenário mundial, mas sua carreira tem sido marcada por controvérsia*

**FRANÇA | POR FELIPE PORTES**





**P**ara um treinador de futebol, a coisa mais difícil é sair bem de um clube. Se por um lado, o sonho é se aposentar com dezenas de taças, como Sir Alex Ferguson, por outro, a realidade é marcada por pressão e as mudanças de planejamento das equipes levam os técnicos à saídas repentinas, quase sempre marcadas pelo litígio.

A geração portuguesa atual de comandantes, isto é, os bons profissionais formados após a Era Mourinho, tem Leonardo Jardim como principal representante. Nem tanto por trazer revoluções táticas, mas por conquistar resultados expressivos à frente do Braga e do Monaco, e pela capacidade de descobrir e lapidar talentos, em sua curta carreira.

Mais recentemente, ele foi demitido do clube monegasco por conta de uma crise grave de desempenho. Substituído por Thierry Henry, identificado com a agremiação e a torcida, Jardim viu de fora o circo continuar em chamas. O Monaco bateu no fundo do poço e, menos de dois anos depois de peitar o Paris Saint-Germain para ser campeão francês, ocupou

uma desconfortável posição na zona de rebaixamento. Henry não durou muito nesse contexto e, curiosamente, poucos meses depois, ao lusitano foi devolvido o cargo. Essa é só uma nuance da tumultuada década de Leonardo à frente de clubes europeus.

## **Explicando o fenômeno**

A trajetória de Jardim, nascido na Venezuela e naturalizado português, começa em 2003, com a equipe do Camacha, em divisões inferiores de Portugal. Formado em Educação Física e sem histórico como futebolista, deixou o meio acadêmico e encontrou no esporte uma boa forma de colocar em prática o que havia estudado. Obcecado com conteúdos de tática e discursos de liderança, deixou as salas de aula e invadiu os gramados, mostrando em seus primeiros trabalhos que sabia onde queria chegar. E o mais importante: como.

A capacidade de gerir e obter o rendimento máximo de seus elencos, por mais limitados que eles fossem, fez de Jardim um alvo fácil no mercado nacional. A caminhada, fora dos holofotes e em franca evolução, seguiu por Chaves e Beira-Mar, com o qual foi campeão da Segunda Liga.

Não demorou para que ele ocupasse um lugar no banco de reservas do Braga, substituindo Domingos Paciência, em 2011-12. Os Arsenalistas, comandados pelo novato, alcançaram uma honrosa terceira colocação na Liga, o que ajudou a alavancar a imagem do professor. Com o aproveitamento de 58%, devolveu o clube à Liga dos Campeões e ajudou a manter o Braga em condição de brigar com Benfica e Porto — mesmo com um orçamento incomparavelmente menor.

Mas Leonardo queria mais do que Portugal poderia oferecer. E a relação com o presidente António Salvador não era das melhores. As rugas no fim da temporada culminaram com a demissão do técnico, de maneira inexplicável. Seria ele um talento proporcional ao seu potencial problemático? A dúvida pairou por pouco tempo.

## Ambição e evolução

Ao passo em que conseguia os resultados desejados, Jardim buscava ter mais controle sobre a gestão do elenco e as contratações. O que nem sempre é bem aceito por presidentes e diretores de futebol. Eis que uma proposta polpuda do Olympiacos levou o treinador ao futebol grego, notório por suas rivalidades explosivas e por seus dirigentes lunáticos. Seria uma prova de fogo para um homem de convicções firmes e personalidade, num cenário em que a vitória era a única maneira de sobreviver. O nível futebolístico não havia aumentado. A pressão, sim.

A passagem relâmpago de Jardim por Atenas durou um semestre. Depois de fazer com que o time disparasse na liderança e chegasse bem perto da classificação para as oitavas de final da Liga dos Campeões (atrás de Schalke e Arsenal), veio o baque. Leonardo foi demitido de maneira repentina. Na época, em janeiro de 2013, a justificativa principal foi um desempenho pobre e abaixo da crítica, o que parece difícil de acreditar quando se tem dez pontos de vantagem na classificação do campeonato nacional.

Quanto mais se pesquisa a respeito daquele trecho da temporada, mais bizarra a história fica, afinal, o Olympiacos estava invicto até a 17ª rodada. Nos clássicos, dois empates contra Panathinaikos e PAOK, o que também não serve como justificativa. Se a própria verdade parecia inaceitável, a imprensa tratou de inventar uma mentira mais coerente.

A história paralela, lançada por um blog de humor (há controvérsias), era de que Leonardo estava tendo um caso com Jelene Trojanske, a esposa do presidente Evangelos Marinakis. O boato foi prontamente desmentido por Jardim, que, em sua defesa, alegou que a família do presidente vivia rodeada de seguranças, o que impossibilitaria qualquer tipo de relação entre os dois. A mentira era sedutora, a bem da verdade, mas continuava sendo uma mentira.

## Mudança de mentalidade

A retomada de força por parte do Sporting CP se deve muito ao trabalho de Jardim, que chacoalhou as estruturas do estádio José Alvalade entre 2013 e 14, devolvendo os Leões a uma posição de destaque, com a segunda posição da Liga. A imprensa portuguesa credita a ele uma mudança de mentalidade da direção e dos jogadores, que deixaram de se inferiorizar em relação a Benfica e Porto. Mais uma vez, o treinador se metia e atrapalhava os planos da dupla, mas dessa vez comandando também um gigante.

Previendo perdê-lo para os rivais, o Sporting colocou uma cláusula de 15 milhões de euros para rescindir o contrato de Leonardo, caso ele fosse para os Dragões ou para os Águias. No fim das contas, ele saiu, mas para nenhum dos dois: o destino acabou sendo o Monaco, que estava com o cargo vago após a saída de Claudio Ranieri. Na entrevista coletiva de despedida, ressaltou que estava triste em deixar o Sporting, porém confiante para os passos seguintes na França. Não podia estar mais certo. Aquela foi, certamente, a última saída pacífica e sem alarde que ele fez na carreira.

No Monaco, contava com um orçamento milionário e uma estrutura pronta para as glórias. A agremiação monegasca havia sido vice-campeã nacional em 2013-14 e havia muito talento reunido para que a ambição vencedora pudesse ser plenamente saciada. Assim sendo, se firmou em terceiro lugar na Ligue 1 e sonhou com uma campanha europeia de destaque. O segundo ano foi decepcionante, com uma eliminação precoce na Champions e uma queda na fase de grupos da Liga Europa. O melhor, contudo, estava guardado para o terceiro ano.

A volta de Falcao García, após empréstimos malsucedidos a Manchester United e Chelsea, impactou positivamente o elenco, que contava com João Moutinho, Bernardo Silva, Thomas Lemar, Djibril Sidibé e, claro, a ascensão do fantástico Kylian Mbappé. Além de recuperar a coroa depois de 17



anos, Jardim deu aos monegascos um time para se recordar, mostrando extrema agressividade e grande capacidade ofensiva. Os números não mentem: os 107 gols marcados nas competições foram uma marca extraordinária e sem precedentes na história do Monaco.

Fora da França, o time do Principado também voou baixo e alcançou as semifinais da Champions, parando apenas na Juventus. Antes disso, nas oitavas de final, levou terror ao Manchester City de Pep Guardiola, em dois jogos malucos. No primeiro, derrota por 5 a 3 na Inglaterra. No segundo, o troco por 3 a 1, o que causou enorme surpresa.

A vítima seguinte foi o Borussia Dortmund, presa fácil para Mbappé e Falcao, que colaboraram para triunfos por 3 a 2 e 3 a 1, garantindo a vaga nas semifinais. Acreditava-se que a sensação alvirrubra pudesse derrubar também a Juve, mas não houve chance para uma nova façanha. Talvez a ocasião tenha sido grande demais para aquele grupo em dado momento.

## O ocaso e o possível renascimento

O Monaco teve desempenho satisfatório em solo nacional na temporada 2017-18, mas a péssima exibição continental, sem vitórias em um grupo considerado acessível, colocou em xeque o futuro de Jardim à frente do plantel. O início em 2018-19, então, foi ainda mais trágico.

Depois de perder diversos jogadores e não encontrar a reposição ideal, obteve uma vitória em 12 partidas, e foi demitido em outubro de 2018. Perdido, o Monaco apostou em Henry e pagou caro, afundando ainda mais em sua crise técnica.

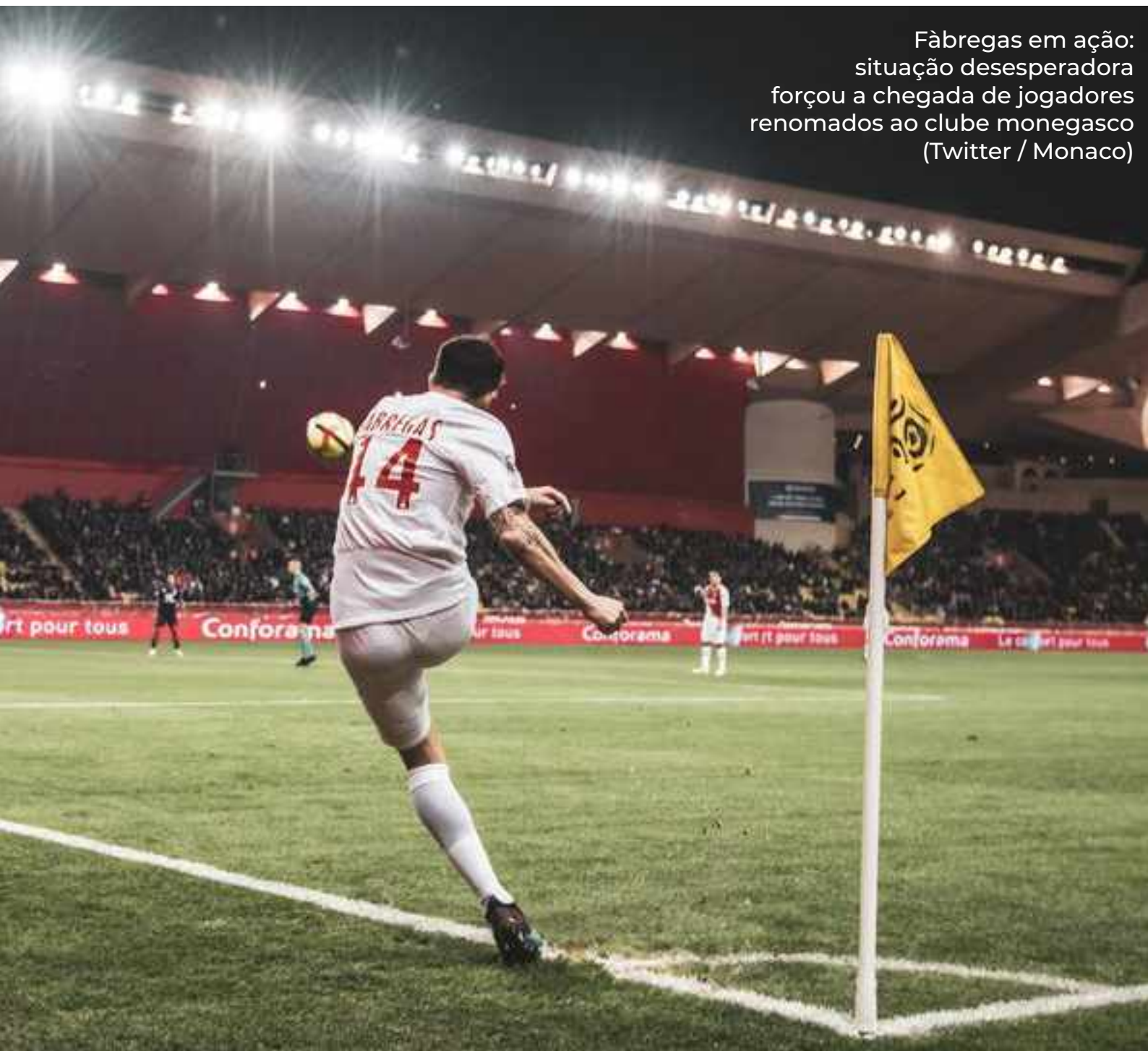
O ídolo francês e ex-auxiliar técnico da seleção belga não deu jeito na casa — muito pelo contrário — e, embora tenha conseguido duas vitórias, foi deposto em 25 de janeiro, dias depois de ser humilhado por 5 a 1 contra o Strasbourg. Para a surpresa geral, o substituto foi justamente seu antecessor. Entretanto, segundo Eduardo Madeira, especialista em futebol francês e editor do site Terra de Zizou, tudo isso tem uma explicação.

“Acredito que as entrevistas dele pós-saída [de Jardim] resumem bem essa situação. Ele deixou muito a entender um desarranjo de ideias com a diretoria na formação do elenco. Ele queria jogadores mais calejados, a direção queria seguir a linha de trazer mais jovens. O time teve várias lesões no começo da temporada, então, mais jovens ainda foram entrando e o time não andou. Essa volta, por linhas tortas, com [as contratações dos experientes] Fàbregas, Naldo, Vainqueur e outros, era mais ou menos como ele queria ter começado a temporada. Agora, ressalte-se a influência enorme que o Jorge Mendes segue tendo lá. Gelson Martins, Adrien Silva, Carlos Vinícius, todos vieram agora e são jogadores dele, a exemplo do Jardim. Fora o fato de “estranhamente” o Jardim ter reaparecido na mídia francesa dias antes da demissão do Henry, com uma entrevista falando que voltaria a treinar no país”, comentou Madeira.

É um raro caso em que Jardim volta ainda mais forte do que quando deixou o cargo. Refém dos planos do português, o clube prefere dar o braço a torcer pelos erros recentes e ouvir o seu melhor treinador neste século, a fim de evitar um novo e traumático descenso.

No intervalo de três meses, pouca coisa mudou na rotina monegasca. Mas se há alguém que pode recolocar esse vagão nos trilhos, este é Leonardo Jardim. A cartada final foi dada e os alvirrubros sabem que é tudo ou nada. De volta à normalidade ou ao caos do início da década? Qual vai ser a última mão nesse jogo? ■

Fàbregas em ação:  
situação desesperadora  
forçou a chegada de jogadores  
renomados ao clube monegasco  
(Twitter / Monaco)





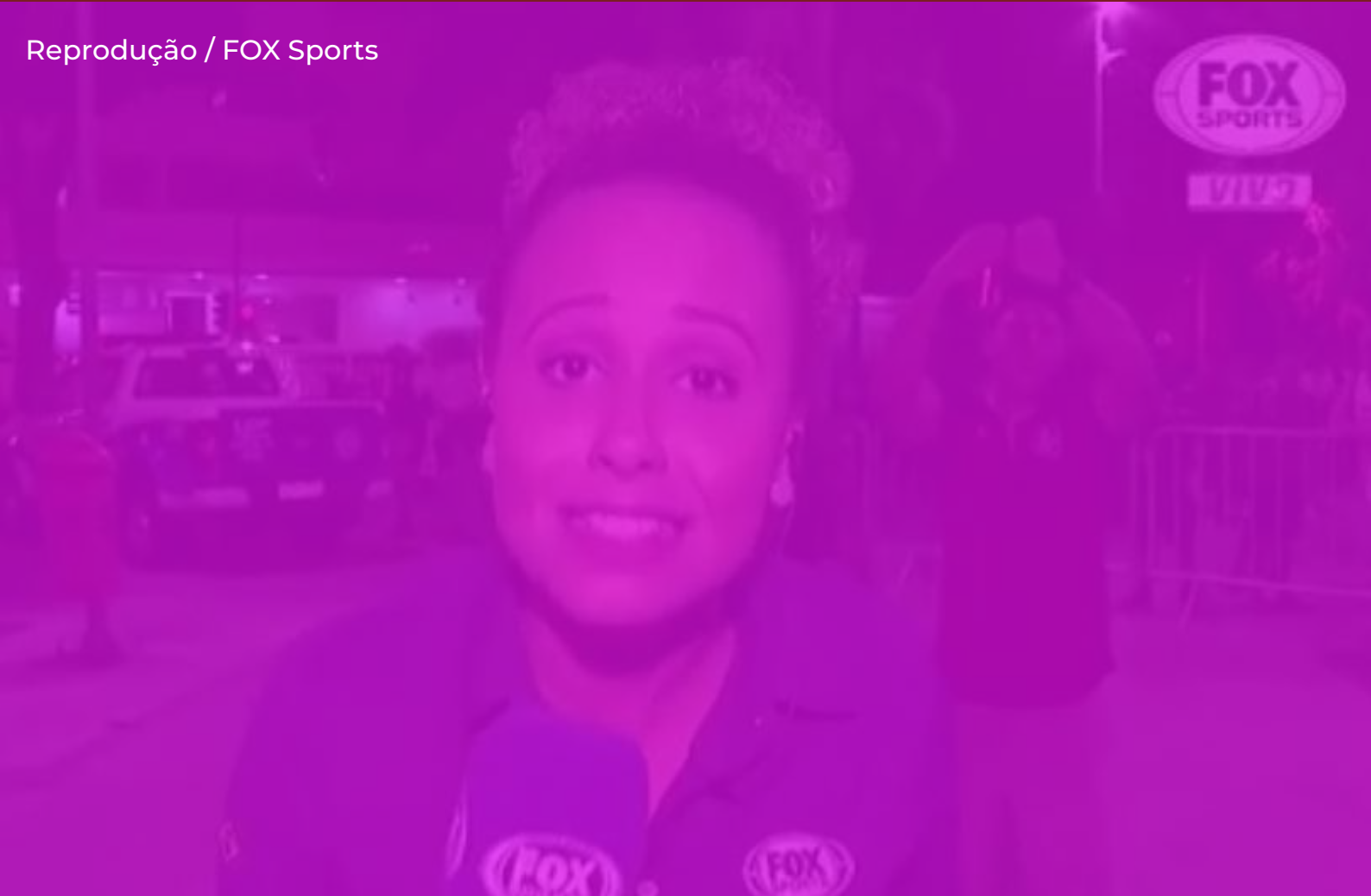
## ***DEIXA ELA TRABALHAR***

*Movimento iniciado por grupo de jornalistas completa um ano. O que mudou para as mulheres que trabalham com esporte e lutam contra o assédio no cenário brasileiro?*

**BRASIL | POR ANDERSON MOURA**



Reprodução / FOX Sports



**N**o dia 13 de março de 2018, o Vasco da Gama recebeu a Universidad de Chile em São Januário, em jogo válido pela primeira rodada da Copa Libertadores. O clima naturalmente era de festa, haja vista que o clube carioca não disputava a mais importante competição do continente há seis anos, mas o gol de Ángel Araos, que deu a vitória ao time chileno, não foi o único duro golpe da noite. Antes mesmo de a bola rolar, um acontecimento fora do estádio marcou aquele dia.

Em uma entrada ao vivo para o canal *Esporte Interativo*, a repórter Bruna Dealtry foi assediada por um torcedor, que tentou beijá-la sem seu consentimento. Não foi a primeira vez que uma profissional da imprensa passou por isso e infelizmente Bruna está longe de ser a última, mas esse caso ecoou bastante. Nascia ali um movimento feito pelas próprias jornalistas que visava colocar um holofote sobre um problema comum, mas corriqueiramente relegado às sombras da

banalização. Vinha à tona o **Deixa Ela Trabalhar**. Passado um ano do acontecido, a *Relvado* tenta entender quais foram as conquistas alcançadas desde então, assim como busca saber em que pontos o grupo ainda busca trabalhar.

## **Reconhecimento e primeiras vitórias**

Pouco depois desse evento nefasto, um vídeo que contava com a participação das criadoras do manifesto ganhou merecido espaço em grandes emissoras de TV e, é claro, reverberou também em centenas de canais e perfis das mídias sociais de clubes de futebol e ex-jogadores. Na imprensa nacional e também na internacional. Reclamações que até então eram feitas de forma isolada tomaram forma e começaram a fazer muito mais barulho, surtindo efeito já na semana em que o vídeo foi lançado.

Em um jogo entre São José e Brasil de Pelotas, pelo Campeonato Gaúcho, a repórter Kelly Costa sofreu xingamentos sexistas que suas colegas de profissão estão cansadas de ouvir, mas desta vez a Brigada Militar identificou o valentão, o expulsou do estádio e o conduziu para a delegacia.

Aos que minimizam a frequência ou a gravidade dos atos dos torcedores, é importante lembrar que somente naquela edição do estadual aquela era a segunda vez em que uma profissional da imprensa passava por uma situação parecida. Em um GreNal disputado no estádio Beira-Rio, a jornalista Renata Medeiros não só foi xingada como também agredida fisicamente por um torcedor colorado. Felizmente, gravou o incidente, o agressor foi identificado e foi registrado um boletim de ocorrência.

A confluência e proximidade desses três episódios teve como consequência a criação do movimento, como explica a jornalista Taynah Espinoza:

“Na verdade, algumas de nós tinham ido a um evento de corrida um pouco antes (do episódio Bruna Dealtry) e se

juntaram em um grupo que a Chris Mussi (que trabalhava no Canal do Zico) tinha feito porque as meninas tinham ido gravar uma coisa com o Zico sobre o Dia Internacional da Mulher. Quando acontece o negócio com a Bruna, a gente não tinha conversado sobre nada disso, mas vinha acontecendo uma sucessão de coisas, como teve com a Renata Medeiros, por exemplo. Eu vi a indignação das pessoas na foto da Bruna e fui falar com ela na TV, dizendo que a gente deveria fazer alguma coisa com isso. Não dava pra continuar acontecendo algo assim toda semana, foi muito perto uma coisa da outra.

Falei que o único jeito para a gente ser ouvida era pessoas de várias emissoras se unirem e fazer alguma coisa. Não sabia se o ideal era um texto, um vídeo, ou até uma série de vídeos... Mas era preciso fazer um trabalho em conjunto porque o que aconteceu com a Bruna no Rio de Janeiro poderia não chegar a alguns lugares do país, assim como o que aconteceu com a Renata, no Sul, poderia não chegar ao Rio de Janeiro. Aí começamos a colocar gente de todo o país e de repente tinha umas cinquenta meninas, de vários lugares.

Daí começou uma discussão longa para a gente chegar a um acordo do que fazer e como fazer. A gente queria divulgar o vídeo três dias depois do ocorrido com a Bruna, mas demorou mais de uma semana, até para chegarmos a um texto que não falasse só dos torcedores, mas que dissesse que as autoridades não fazem nada, ou que a gente sente isso na redação”, frisou Taynah.

No Rio Grande do Sul, a Associação de Cronistas Esportivos Gaúchos se posicionou e, em parceria com o Movimento Grêmio Democrático, distribuiu um botton do Deixa Ela Trabalhar aos profissionais de imprensa. Em Minas Gerais, quem foi ao Mineirão na primeira semana de abril pôde notar que a tribuna de imprensa do estádio, além da identificação de sempre, contava também com a hashtag do movimento em destaque. No Rio de Janeiro, o vídeo das jornalistas foi exibido nos telões do Maracanã em diversos jogos.



Twitter / Mineirão

## Caso Fabiola Andrade

No dia 17 de novembro de 2018, a repórter Fabiola Andrade se viu envolvida em uma situação polêmica no jogo entre Corinthians e Vasco. Algumas imagens davam a entender que um profissional que auxiliava Fabiola estava se aproveitando de um momento de confusão entre os atletas das duas equipes para assediar a colega. Inicialmente, Fabiola declarou que estava “arrasada” e que a Rede Globo iria apurar a situação e tomar as medidas cabíveis. Muitos saíram em defesa da repórter, inclusive o movimento Deixa Ela Trabalhar, que divulgou uma nota de repúdio.

Entretanto, dois dias depois, Fabiola declarou o seguinte em seu Instagram: “A respeito do vídeo que está circulando nas redes sociais desde ontem eu queria dizer que vi outros ângulos do mesmo momento do jogo e conversei com meu colega que trabalha comigo há cinco anos. Ele me procurou várias vezes hoje. Pra mim não aconteceu assédio ou abuso. Ele estava manuseando o cabo de áudio que fica preso à minha roupa durante a transmissão, situação comum em dias de jogos”.

Pessoas que não viam legitimidade nas reclamações e reivindicações do coletivo se aproveitaram para diminuir a luta das profissionais argumentando que outras acusações feitas pelas mulheres poderiam também ser falsas ou exageradas. Fato é que, no Twitter do movimento, a nota de esclarecimento de Fabiola, em novembro de 2018, é a última postagem. Mas, para Taynah Espinoza, o ocorrido serviu também como um aprendizado.

“A gente entendeu que não é o nosso papel ficar apontando dedo especificamente para uma pessoa. Quando usamos o caso da Bruna, o rapaz pediu desculpas a ela depois, mas o nosso papel é tentar conscientizar as pessoas, fazer elas pensarem. Depois do que aconteceu com a Fabiola a gente conversou e viu que nossa função não é apontar dedo. Em alguns momentos, é importante ser um pouco mais dura, porque às vezes é só assim que algumas pessoas entendem as mensagens, mas na verdade o que a gente quer é que as pessoas reflitam o que fazem no dia a dia”, acrescentou Taynah.

### **Próximos passos**

É evidente que o movimento teve como maior motivação e como estopim as dificuldades com que as mulheres se deparam, especificamente, trabalhando na imprensa esportiva, mas o Deixa Ela Trabalhar passou também a abordar e dar eco a questões presentes fora da esfera do jornalismo, estendendo e convocando à luta todos aqueles que frequentam estádios de futebol.

Um bom exemplo foi a ampla divulgação que o grupo deu ao primeiro registro de assédio sexual feito por uma torcedora na Arena do Grêmio, quando Debora Ely foi cercada por torcedores e tocada por um deles simplesmente pelo fato de ser uma mulher. O suspeito foi identificado, detido e julgado ali mesmo na Arena. E é nesse sentido que o grupo foca boa parte dos seus esforços atualmente, como explica a jornalista Gabriela Moreira.

“Na verdade, nós temos duas principais pautas jurídicas. Uma delas é que as autoridades que estão presentes nos estádios, ou seja, a polícia militar e justiça criminal – JECRIM (Juizado Especial Criminal), Ministério Público ou Juizado especial do torcedor - passassem a observar crimes que já estão tipificados no código penal, como injúria, difamação, violação sexual e ofensas sexuais em relação às mulheres. Nisso a gente percebeu que teve um grande avanço.

Hoje em dia se uma mulher estiver no estádio, chegar a um policial e disser que quer ser levada ao JECRIM porque acabou de ser vítima de um crime – como uma violação sexual, ou ser alvo de um coro de torcedores que a xingue – esse policial militar tem o dever de conduzir os suspeitos para o JECRIM. Isso hoje já é mais possível porque os policiais militares foram sensibilizados pela campanha pública, mas em alguns estados a gente conseguiu também enviar ofícios. O estado de São Paulo é o mais avançado nesse sentido porque lá a gente fez uma parceria com a promotoria de combate à violência doméstica e lá já houve avanços maiores, como reuniões da promotoria com o JECRIM e com os clubes. Então São Paulo hoje é um modelo para que isso vá para outros estados.

Agora é expandir isso em um nível nacional, essa conscientização da lei. Eu chamo de conscientização porque a lei já existe, basta que as polícias militares passem a observar mais em outros estados. Além disso, acompanhar uma possível alteração do Estatuto do Torcedor, porque a gente queria que essa questão fosse observada de forma mais concreta. Que o texto do estatuto fosse mudado para incluir punições desportivas aos clubes quando houvesse discriminação de gênero, porque no atual Código Brasileiro de Justiça Desportiva o artigo 243-G fala sobre punição a discriminações ‘em razão de origem étnica, raça, sexo, cor, idade, condição de pessoa idosa ou portadora de deficiência’. A gente quer incluir um texto mais específico em relação a gênero”, pontuou Gabriela.

Mas além das medidas judiciais e da presença e atuação de autoridades, as mulheres precisam também contar com a conscientização dos homens que vão aos jogos. Afinal de contas, a mulher é oprimida, mas se o homem não se conscientizar e for parte ativa do processo de desconstrução do cenário vivido hoje, é difícil esperar por avanços. E felizmente, aos poucos algumas vitórias são conquistadas, como Gabriela Moreira relembra.

“Como o objetivo é a gente explicar a situação e abrir o debate, claro que a gente vai ser atacada, mas a gente também vai ajudar a sensibilizar quem estiver predisposto a ser sensibilizado. Em Flamengo e Cruzeiro pela Libertadores do ano passado, eu estava na porta do Maracanã fazendo [uma transmissão] ao vivo e aí quase rola aquela tradicional tentativa de alguém te dar um beijo. Mas antes que isso acontecesse e antes até que eu percebesse, um outro torcedor segurou um camarada que vinha tentar me beijar ou me passar a mão, não sei. Mas esse torcedor que eu não conheço viu e segurou o rapaz. Quando acabou o link eu perguntei o que tinha acontecido e ele disse que o outro estava tentando me incomodar, me dar um selinho ou fazer uma graça. Então é uma população que está tomando consciência de fato. Antes, talvez esse rapaz que me ajudou tivesse até consciência, mas depois que a gente faz um apelo as pessoas partem para ações”.

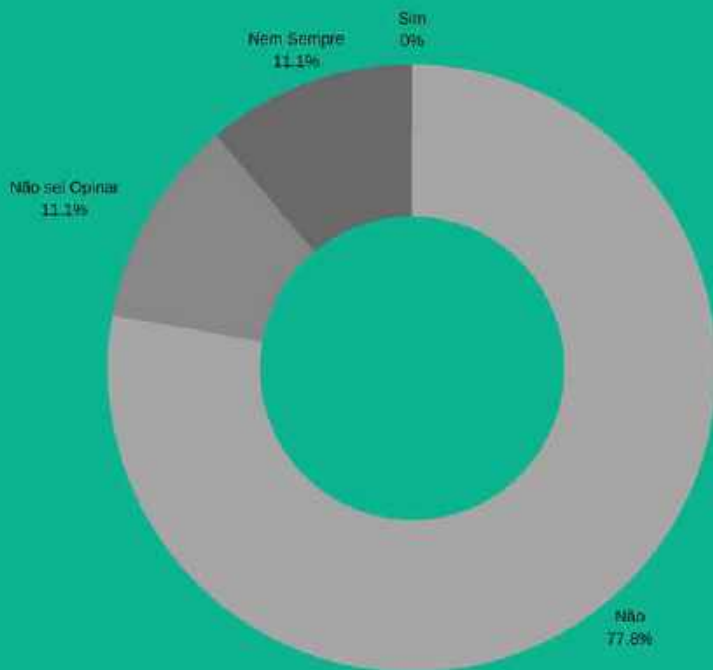
Praticamente no fechamento dessa matéria, uma surpresa não tão surpreendente, mas bastante triste. Enquanto trabalhava na cobertura do Fla-Flu pela Taça Guanabara, a repórter Karina Alves foi vítima em uma situação muito parecida com a atravessada por Bruna Dealtry. A jornalista tentava fazer o seu trabalho e foi importunada duas vezes por um torcedor flamenguista, que na segunda investida tentou beijá-la.

O recado já foi passado e repassado com louvor, mas não custa nada repetir: deixa ela trabalhar. ■

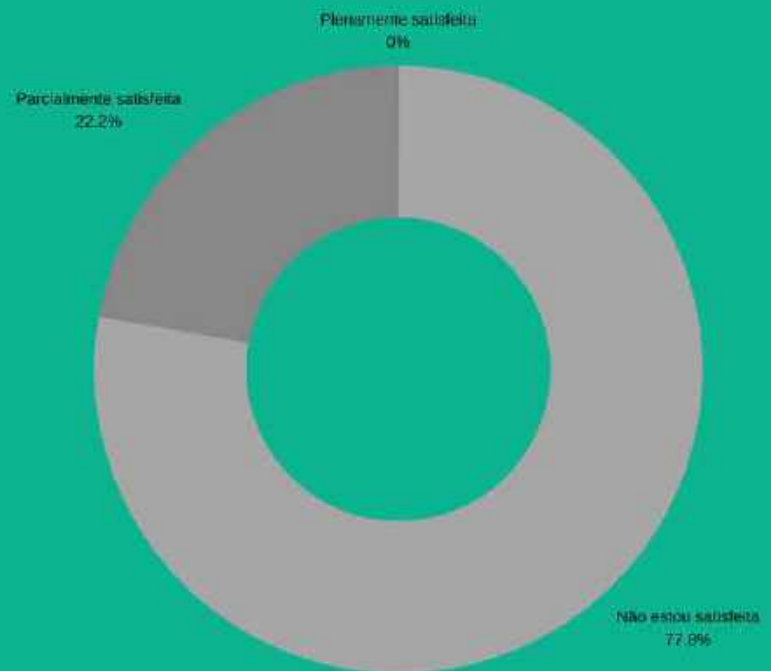
# MACHISTÔMETRO

## A ROTINA DAS REPÓRTERES / JORNALISTAS NO BRASIL

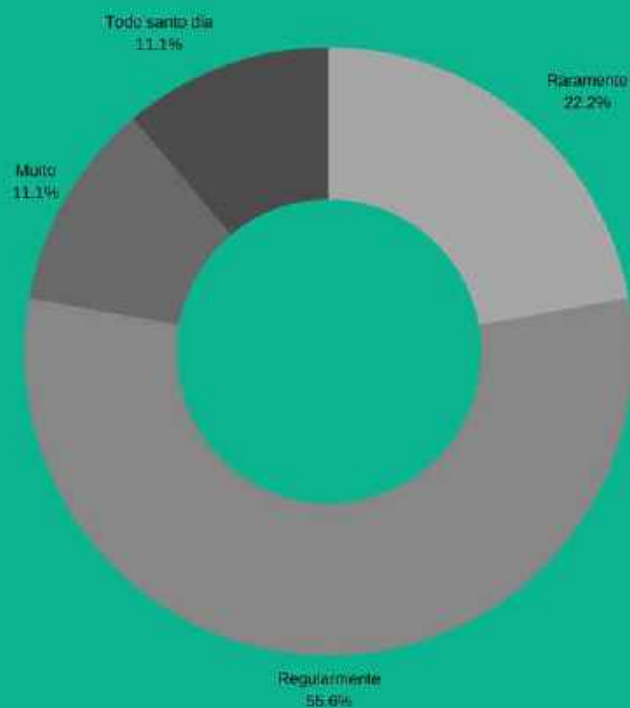
Você se sente respaldada pelo policiamento, autoridades de segurança e pela legislação para exercer sua profissão de forma digna e segura?



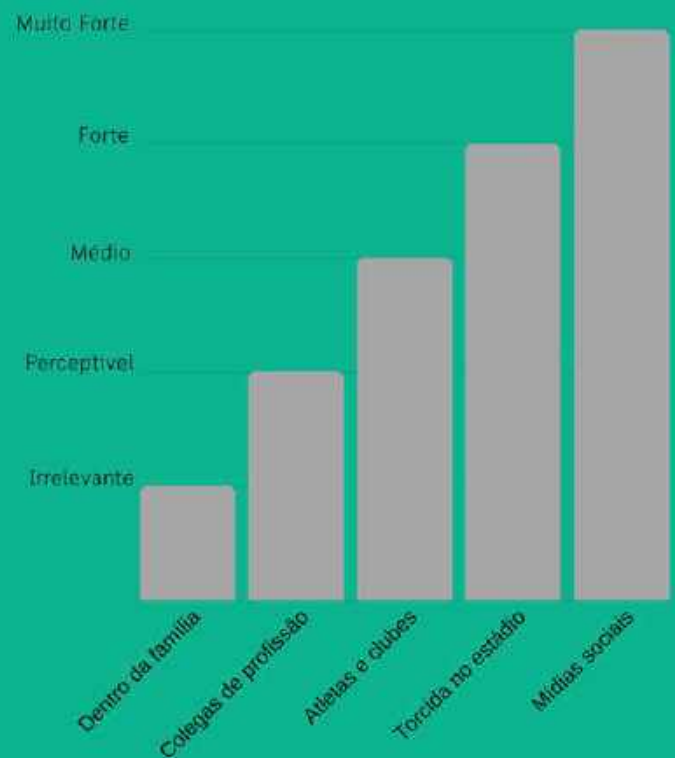
De uma forma geral, você está satisfeita com a postura de colegas homens em situações de machismo?



Com que frequência você sofre mansplaining vindo de colegas de trabalho?



Como profissional, onde você sente o machismo com maior força?








## ***PROIBIDO ATIRAR LATAS***

*A história do polêmico dia em que a Internazionale foi humilhada na Europa, mas conseguiu um resultado no tapetão por conta de uma latada em Roberto Boninsegna*

**EUROPA | POR FELIPE PORTES**



**O** antigo caminho da Copa dos Campeões da Europa possuía menos jogos até a consagração de um time como a força dominante do continente. Ainda que em nível regional pudesse haver um desequilíbrio de forças (por exemplo, entre os representantes de Suíça e Alemanha, este sendo via de regra bem superior), dentro de cada país havia uma forte rivalidade pelo título e, conseqüentemente, pela vaga em competições internacionais. Para a principal delas, a cada país era entregue apenas um lugar.

Nesse contexto disputado e de rivalidades ferrenhas, o Borussia Mönchengladbach cresceu, impulsionado por um bom número de atletas talentosos formados em sua base. Günter Netzer, Rainer Bonhof, Berti Vogts e Jupp Heynckes são alguns exemplos desse período farto de promessas caseiras que estouraram no profissional.

Entre 1969 e 77, os Potros ergueram nada menos que cinco títulos do Campeonato Alemão, ferindo o orgulho do Bayern de Munique, que ascendera rapidamente ao topo do

cenário nacional, vencendo também três títulos continentais consecutivos e sendo a base da seleção alemã campeã em 1974. Rivalizar com Sepp Maier, Franz Beckenbauer, Uli Hoeness, Paul Breitner, Gerd Müller e o restante da turma bávara não era tarefa para qualquer um. Assim sendo, criou-se uma rivalidade entre Borussia e Bayern, por conta dos constantes choques e duelos pela hegemonia na Bundesliga.

Esse time do Gladbach tentou estender seu domínio ao continente, disputando os troféus da Copa dos Campeões e da Copa da Uefa, torneio este que eventualmente venceu em duas ocasiões: em 1975 e 79. Além disso, o clube chegou perto de levantar o troféu mais importante da Europa, mas, em 1977, foi superado pelo Liverpool na final.

Na tentativa de ser muito mais do que uma potência alemã, os Potros esbarraram em outro colosso continental, nas oitavas de final da edição 1971-72 da Copa dos Campeões. É aí que começa a história central de Roberto Boninsegna, uma lata de Coca-Cola e um 7 a 1 anulado.

## **Gigantes humilhados**

Àquela altura, a Internazionale já era bicampeã europeia, honraria que alcançou na década anterior, com a geração que ficou conhecida como Grande Inter. Anos mais tarde, embora envelhecida, seguia forte e buscando mais um título de expressão. Giacinto Facchetti, Tarcisio Burgnich, Mario Corso, Gianfranco Bedin e Sandro Mazzola, remanescentes dos dias de ouro *nerazzurri*, seguiram no clube em transição.

As ideias interistas também já não estavam na moda. Não só pela idade avançada dos medalhões do elenco, mas porque o futebol havia mudado bastante da década de 1960 para os anos 1970. As tendências defensivas, que ganharam nome — *catenaccio* —, já não eram mais o modelo principal na cabeça dos treinadores, e a sensação da época era a movimentação intensa do Ajax, embrião do futebol total de Rinus Michels implementado na Holanda de 1974.

Assim, a experiente Inter chegou à fase de oitavas de final da Copa dos Campeões e encarou os alemães, na luta para manter vivo o sonho da conquista. Em 20 de outubro de 1971, ocorreu o jogo de ida, no estádio Bökelberg, casa dos germânicos. O acanhado local servia perfeitamente como um alçapão para a representação alviverde. Naquele dia, em especial, foi o palco perfeito para uma aula de futebol.

## O baile

Foram necessários sete minutos para que o show dos mandantes começasse. Heynckes tirou um zagueiro da jogada e abriu o placar. Roberto Boninsegna deu números iguais ao confronto, com 20 minutos. Aos 21, contudo, Ulrik Le Fevre recolocou os alemães em vantagem e ainda fez o terceiro aos 34. Desnorteada, a equipe italiana assistiu quase impassível aos gols de Netzer e Heynckes, entre os 42 e 44 minutos do primeiro tempo. A vergonha já estava mais do que estabelecida para os interistas.

Nesse meio tempo, enquanto a goleada se consolidava, um episódio marcante aconteceu na lateral do campo do Bökelberg. Um torcedor atirou uma lata de Coca-Cola bem na cabeça de Boninsegna, que precisou ser substituído. Giampiero Ghio entrou em seu lugar. Logo após a latada, o jogo parou por conta de protestos dos italianos, sobretudo do capitão Mazzola. A pressão em Jap Dorpmans, árbitro do confronto, foi uma constante. O desejo dos alemães, obviamente, era de dar sequência ao massacre.

Foram sete longos minutos de argumentação até que as atividades fossem retomadas.

Ainda houve tempo para que, após o intervalo, Netzer e Klaus-Dieter Sieloff fechassem a conta, em um emblemático 7 a 1 — muito antes de o 7 a 1 se transformar em símbolo da força do futebol alemão. Sem expectativas e irritado com a marcação do pênalti que originou o sétimo gol adversário, o meia Corso agrediu o juiz com um chute e tentou atribuir

a atitude ao pobre substituto Ghio, que mal havia sido acionado em campo e nada tinha a ver com aquilo. Corso foi punido posteriormente pela Uefa e ficou meses sem disputar competições internacionais. Quando Dorpmans apitou para o fim do encontro, porém, o imbróglio estava apenas começando.



Twitter / Inter

### **Terceiro tempo... no tribunal**

Os advogados da Inter pediram a anulação do jogo e uma vitória por 3 a 0. Em sua defesa, os representantes do Borussia apontaram a falta de provas conclusivas sobre a lata verdadeira, inclusive apresentando a versão de que um interista havia atirado o objeto de forma intencional, com o intuito de causar uma cena.



A reunião com dirigentes da Uefa durou até a manhã seguinte e ficou decidido que os dois clubes jogariam novamente a partida, mas com placar zerado e mando invertido no mês seguinte. Ou seja: para a entidade, aquele 7 a 1 jamais existiu oficialmente. Quem sabe tenha sido apenas um delírio coletivo.

A Inter recebeu o Borussia com sede de vingança, em 3 de novembro de 1972. Sem novas latadas, o embate ficou restrito ao confronto técnico, vencido pelos locais em Milão por 4 a 2. Marcaram Mauro Bellugi, Boninsegna, Jair da Costa e Ghio (que finalmente foi útil para os nerazzurri); Le Fevre e Hans-Jürgen Wittkamp anotaram para os Potros.

Tudo foi decidido, finalmente, em dezembro, novamente em solo alemão. A Uefa, contudo, ordenou que o Borussia mandasse seu jogo em Berlim, forçando a torcida a viajar para acompanhar o desfecho da eliminatória. Ao contrário do que aconteceu no Bökelberg, naquela fatídica noite de outubro, o placar não saiu do zero e os italianos deixaram o campo em festa, com a classificação garantida.

Se quiser chamar de karma, tudo bem. A Inter seguiu viva na competição, eliminou o Standard Liège, o Celtic e fez a final contra o Ajax. Dois gols de Johan Cruyff enterraram o sonho do tri europeu para a equipe milanesa. Caso o Borussia tivesse avançado no lugar dos rivais, possivelmente o destino teria sido igual, mas Netzer e companhia sequer tiveram a chance. ■



## ***VITÓRIAS QUE VÃO ALÉM DO PLACAR***

*No final de 2016, o time feminino do Eibar viveu um sonho histórico no estádio de Ipurua*

**GRANDES BATALHAS | POR WLADIMIR DIAS**

Twitter / Eibar



**A** história do futebol feminino em âmbito global é acidentada, mas em alguns países registra evolução. Um deles é a Espanha. Há clubes investindo, e as condições de treino, preparação e jogo estão melhorando.

Trata-se de um processo incipiente, por certo, e é difícil imaginar que algum dia a categoria feminina alcance o poderio econômico e midiático vivido pelo futebol masculino. Mas ela está avançando e, como em qualquer progresso, os êxitos, independentemente de sua dimensão, acontecem e merecem comemoração.

Parte dessa evolução tomou forma na temporada 2009-10. Nela, a Real Federação Espanhola de Futebol (RFEF) aprovou um plano para que os times masculinos que ainda não tinham times femininos passassem a ter. Embora a execução tenha sido questionada, com clubes que já disputavam o campeonato nacional relatando completo desconhecimento com relação ao dito plano — classificado como “cacicada” pelo diretor de categorias de base femininas do Rayo —, a competição seguiu crescendo. Prova disso ocorreu em



2019, com o recorde de público de uma partida de futebol feminino sendo batido: a disputa das quartas de finais da Copa da Rainha, entre Athletic Bilbao e Atlético de Madrid no estádio San Mamés, foi acompanhada por 48.121 pessoas. Marca máxima na Espanha e na Europa.

Retomemos, entretanto, a temporada 2009-10. Naquele momento, oito clubes responderam ao chamado da Federação e o campeonato passou de 16 para 24 participantes, um deles era o Eibar. Em 2003, o clube guipuzcoano havia assumido uma parceria com o Eibartarrak FT (clube fundado em 1991), apoiando desde então o futebol feminino. A afirmação do clube como SD Eibar — nome do clube masculino — aconteceu apenas em 2009.

Mas aqueles eram tempos difíceis. O Eibar, enquanto instituição, estava longe de contar com um aporte financeiro que lhe permitisse fazer investimentos. O masculino, da mesma forma, jogava a terceira divisão e nunca havia disputado a primeira. Uma das consequências dessa realidade foi o rebaixamento do time feminino na temporada 2010-11. As atletas *azulgrana* não conseguiram o acesso desde então. Porém, o masculino cresceu, estabeleceu-se em La Liga em 2014-15 e lá permaneceu. Ainda que modestamente, a capacidade de investimentos do clube melhorou.

Uma das infraestruturas que ganharam renovação foi o estádio de Ipurua, terreno inóspito para o futebol feminino durante quase toda a sua existência. Em que pese ser essa a realidade histórica, em 2016, a catedral dos Armeros ofereceu espaço para suas garotas, em uma momento inesquecível para todas elas, inclusive sua capitã de então, Ainhoa Alonso.

Hoje aposentada do futebol, ela é taxativa ao dizer: “para o Eibar feminino, o jogo mais importante foi o primeiro em Ipurua, um estádio de primeira divisão [masculina] que se abriu pela primeira vez para o futebol feminino”. A data está na memória: 26 de novembro de 2016 e há ênfase no fato de o estádio ter se aberto, porque naquele fim de tarde os portões foram escancarados ao público. O adversário era o madrilenho CD Tacón e o jogo teve caráter amistoso.

Nada importou o fato de que não se tratava de uma partida oficial. O que estava em causa era muito maior, ia do sonho ao orgulho. E só havia um jeito de aquele jogo ser melhor: com uma vitória do Eibar, um triunfo do time da casa, das mulheres de Ipurua.

O 2 a 1 favorável no placar sinalizou que aquele dia dificilmente poderia ter sido melhor para o futebol feminino *eibarrés*. Para a capitã, o encontro teve ainda um componente a mais: foi dela o gol da vitória.

Alonso, número 7 às costas, recebeu lançamento da intermediária, por trás da defesa do Tacón, driblou com facilidade a goleira adversária e tocou calmamente para o fundo do barbante. A comemoração, levando as mãos à cabeça, revelava: outro de seus sonhos acabara de ser concretizado.

No pós-jogo, a treinadora do time rival, Karmele Torés, também falou sobre a dimensão do que foi vivido naquele fim de novembro: “Foi muito bonito, muito emocionante, vir a um campo de primeira [divisão] e poder jogar em um estádio como este [...] foi um orgulho terem escolhido nosso clube. Nos convidaram para poder representar o futebol feminino aqui e em toda a Espanha. Realmente precisamos disso, de representação”, revelou em entrevista à comunicação do Eibar.

Para ser grande, um jogo de futebol não precisa de um estádio abarrotado, nem de equipes do mais alto escalão. Basta que tenha significado, produza sensações.

Essencialmente, o futebol é mais do que uma conta bancária recheada, chuteiras coloridas, *glamour* e espetáculo. Tal discurso pode soar poético ou idealista, mas a realidade descrita só vale para a menor parte dos envolvidos nesse esporte. Não chega a representar 1% do todo.

Para a maioria, o futebol é apenas um desejo ardente, um sonho — como aquele que as jogadoras do Eibar viveram no dia 26 de novembro de 2016, em Ipurua. ■



**AINHOA ALONSO**

## ***INCIPIENTE, MAS IMPARÁVEL***

*Ex-capitã do time feminino do Eibar, Ainhoa Alonso falou sobre o clube, o futebol feminino e a cultura do povo eibarrés*

**ENTREVISTA | POR WLADIMIR DIAS**



Twitter / Eibar

O futebol, como o esporte em geral, tem sua popularidade justificada por uma série de razões. Uma das mais apontadas é o fato de colocar equipes de lugares distintos, com culturas peculiares, frente a frente. Apesar de ser habitual a formação de times com atletas de origens diferentes, o escudo que carregam no peito e as cores que representam costumam dizer algo.

Na Espanha, por exemplo, os gigantes Barcelona e Real Madrid transpiram história — seus uniformes expõem disputas que vão muito além do mundo da bola. Equipes menores como o Rayo Vallecano, conhecido pela defesa das minorias e por sua visão política de esquerda, também têm representatividade.

No País Basco, o tradicional Athletic Bilbao procura conservar sua conexão com a região, mediante um rígido padrão de seleção de atletas (exclusivamente de origem local ou com ascendência basca). Em outra escala, o também

basco Eibar leva consigo o orgulho de defender os ideais de sua localidade.

Em 2019, o Eibar completará 79 anos de uma história difícil — quase toda ela vivida na segunda e na terceira divisões do futebol espanhol. Encravado no norte do país, menos de 100 quilômetros distante da fronteira com a França e a aproximadamente 50 da capital do País Basco, Bilbao, o time trabalha com uma missão em seu horizonte: usar pés e bolas como instrumento de transmissão de caros valores. Conhecido pela humildade e o trabalho duro, o povo eibarrés vê em um time valente a reprodução de seus costumes.

E não é só isso que distingue o clube *azulgrana*. Ele se posiciona. Quando finalmente chegou à primeira divisão em 2014, ano em que completou 75 anos, teve que lutar contra uma legislação que determinava um capital mínimo para a disputa de La Liga. Brigou, recebeu apoios e venceu, mas em seu site segue dizendo que a medida é “injusta e pode provocar o rebaixamento administrativo à segunda divisão de um clube com déficit zero e sem nenhuma dívida”.

Além disso, possui uma fundação que busca promover o futebol de base, o futebol feminino, a educação e os valores de igualdade de gênero e do euskara — o idioma basco. Isso tudo sob a liderança de sua presidente Amaia Gorostiza e da CEO Patricia Rodriguez.

Quantos clubes de futebol têm mulheres em posições de liderança e tratam isso como motivo de orgulho? Entrevistada pela agência *Reuters*, a mandatária do clube disse: “Eibar é uma cidade em que mulheres sempre tiveram um papel importante em todos os aspectos da sociedade e o clube não é nada senão um reflexo disso”.

Por tudo isso, a *Relvado* foi atrás de uma das protagonistas do clube nos últimos anos. Ex-capitã do clube (atualmente na segunda divisão) e recém-aposentada, Ainhoa Alonso, de

29 anos, falou sobre uma série de assuntos relacionados aos azulgranas.

**Relvado: A maior parte da história do Eibar é um conto marcado por muitas dificuldades. Até 2013 foi uma equipe de divisões inferiores, lembrada por ter recebido por empréstimo jogadores como David Silva e Xabi Alonso e à margem até no próprio País Basco, normalmente representado por Athletic e Real Sociedad. Quando o time masculino chegou à La Liga, qual foi a sua sensação, conhecendo tão bem o clube?**

Ainhoa Alonso: O sentimento é o de que foi feito um bom trabalho durante muitos anos, que levou a esse grande prêmio que é alcançar a categoria máxima. Além disso, há uma sensação de alegria muito grande conseguir esse feito histórico para uma cidade de apenas 27.000 habitantes e um clube humilde baseado em seus valores e no trabalho na cantera, com pessoas que apoiam o clube — em muitos casos sem cobrar por isso. Em resumo, é um sonho realizado, a recompensa por muitos anos de trabalho duro e sacrifício.

**R: O que você entende que foi o diferencial do Eibar nessa ascensão, tendo o clube tido o menor orçamento da segunda divisão no ano da subida?**

A: Penso que o dinheiro ajuda muito e pode ser o ingrediente principal na hora de buscar algo como o acesso à elite. Mas não é tudo. Há outros elementos que não se consegue com o dinheiro, como a união da equipe em torno de um mesmo objetivo. Penso que esse diferencial pode ter sido o ponto forte que ajudou o Eibar em seu acesso. Eles demonstraram ser um grupo unido, que acreditavam nas suas possibilidades e em si mesmos. Se tratava de um grupo humilde e muito trabalhador, em que ninguém se colocava como superior ao outro, e que conseguiu desenvolver valores próprios, confirmando um ditado: a união faz a força. Desta forma, demonstraram que qualquer objetivo é alcançável.

**R: Como foi presenciar a cidade abraçando o clube para garantir que se adequasse ao decreto das Sociedades Anonimas Deportivas e pudesse disputar a primeira divisão, levantando a hashtag #defiendealeibar?**

A: A sensação foi a de que as pessoas do entorno do Eibar realmente estavam apoiando o clube. Mas não apenas as pessoas diretamente ligadas a ele: as que já viveram o Eibar, que conhecem o clube através de outros contatos, e de gente do mundo inteiro que se solidarizou com um pequeno clube, a priori desconhecido, que havia chegado a uma das melhores ligas de futebol do mundo, com o desejo de mostrar que, com esforço e humildade, se pode chegar muito longe. Foi emocionante ver como conseguiram alcançar o capital necessário, tendo como base a presença majoritária de pequenos acionistas, podendo assim jogar a divisão máxima.

**R: O que o Eibar significa para o povo guipuzcoano e como é a relação da equipe com os outros clubes bascos?**

A: Guipúscoa é uma província pequena no contexto espanhol. Ter duas equipes [Eibar e Real Sociedad] na primeira divisão fortalece a cultura de uma região em que se trabalha bem, também no futebol; além disso, se levamos em conta a Comunidade Autônoma do País Basco, somos quatro equipes na primeira divisão [além de Eibar e Real Sociedad, Athletic Bilbao e Alavés], fortalecendo ainda mais a cultura de um povo humilde e trabalhador. As relações [do Eibar] com os outros clubes bascos são feitas a partir da direção do clube, mas a disputa para ser o melhor time basco e produzir os melhores jogadores nas categorias de base, seguramente, gera rivalidades e atritos normais dentro das boas relações entre suas torcidas. Cada dérbi é uma festa, dentro da rivalidade que existe.

**R: O que você pode nos dizer a respeito da identidade, dos princípios, do clube?**



**A:** Os valores se resumem, principalmente, a seis, que se encontram no site do clube: respeito, compromisso, disciplina, humildade, solidariedade e honradez.

**R: Quais os reflexos do sucesso do time masculino na equipe feminina?**

**A:** Fundamentalmente, os reflexos se centram na possibilidade de contar com mais meios e recursos, tanto econômicos como de pessoal, que facilitam e potencializam a presença do futebol feminino nas estratégias do clube, nas *canteras*, nos meios de comunicação, assim como na melhora das condições de uniformes, pessoal técnico, meios de transporte, dietas das equipes femininas.

Como curiosidade, conto que nós também tivemos o privilégio e o prêmio de jogar no estádio Ipurua, um estádio de primeira divisão masculina, em que pudemos aproveitar



várias partidas. No meu caso, pude fazer um dos gols do primeiro jogo disputado pela equipe feminina nesse estádio — um sonho que se tornou realidade, para todas e, especialmente, para mim.

[\\* Veja o gol de Ainhoa clicando aqui](#)

**R: O prêmio de melhor jogadora do mundo só foi criado em 2001, pela Fifa. Fazendo uma analogia posterior, para quem você daria o prêmio de melhor jogadora da década de 90, quando o futebol feminino começou a se profissionalizar?**

A: A informação que as pessoas interessadas no futebol feminino dispõem dessa época é muito escassa. Antes, era muito difícil ver futebol feminino na imprensa escrita e na televisão, tanto a nível nacional quanto internacional. Sinto que não tenho critérios suficientes para fazer essa avaliação. Hoje em dia, pouco a pouco, se está começando a dar lugar ao futebol feminino nos meios de comunicação e canais de futebol. Mas é muito recente. Entendo que dentro de alguns anos falaremos mais dele e as pessoas poderão opinar e falar sobre os prêmios femininos. Acredito que será em breve, com o começo da profissionalização e o aumento do conhecimento mundial sobre o futebol feminino.

**R: A Espanha está classificada para o mundial de 2019, na França. Porém é apenas a segunda edição com a presença da Fúria. O quanto você atrela a demora no progresso da equipe feminina à proibição da prática de futebol até 1980? O que se pode dizer do panorama atual?**

A: Evidentemente, nossa história do futebol feminino é mais recente do que em outros países, mas também está claro que o crescimento está sendo exponencial, imparável. Ano após ano, a evolução está sendo muito grande e o avanço é considerável, apesar de haver ainda muito a percorrer. O importante é pensar logo no futuro e trazer [o futebol feminino] à normalidade, ao dia a dia, dos meios de comunicação. É

algo que ajuda muito na evolução, na medida em que coloca gente potencialmente interessada em futebol feminino em contato com o esporte — gente que, simplesmente por não ter acesso direto ou se deparar com informações, o desconhece.

**R: No Brasil, além do seu posicionamento político, Sócrates foi considerado um jogador peculiar por conciliar o estudo de medicina com a carreira de jogador profissional. Considerando a diferença salarial entre homens e mulheres jogadores de futebol das primeiras divisões, você ter feito curso superior foi mais por ambição ou necessidade de garantir uma outra profissional, dado os percalços da carreira feminina?**

A: A realidade social em minha trajetória como jogadora profissional foi a de jogar por prazer, pelo gosto pelo esporte, por fazer parte de uma equipe, pela alegria de jogar futebol. Nunca pensei nesse esporte como uma carreira profissional. É verdade que os tempos estão mudando e que as novas gerações, sim, podem começar a pensar no futebol feminino como carreira profissional, mas há 20 anos isso era muito pouco provável e quase impossível de conseguir — a não ser que a atleta decidisse trocar a Espanha por outros países que apostavam nela e fosse possível ser profissional.

Por isso, combinei meus estudos de Engenharia Mecânica e Mestre Industrial, o trabalho, minha vida pessoal e o futebol durante toda esse período. Por isso também, decidi deixar meu lugar para que as novas gerações de jogadoras possam ter seu espaço, evoluam e desfrutem do mundo do futebol feminino, como apaixonadas e/ou profissionais. Penso que os tempos mudaram e que, hoje em dia, podemos começar a apostar com maiores possibilidades nas carreiras profissionais das futuras meninas futebolistas. Considerando a evolução exponencial em que avança o futebol feminino, em um futuro próximo falaremos de um percentual cada vez maior de jogadoras profissionais ao nosso redor.

**R: O clube é reconhecidamente notado por trabalhar com temas socialmente importantes, como a igualdade de gênero. Você foi um dos símbolos da equipe feminina nos últimos anos. Como foi a experiência de representar um clube com mentalidade tão progressista?**

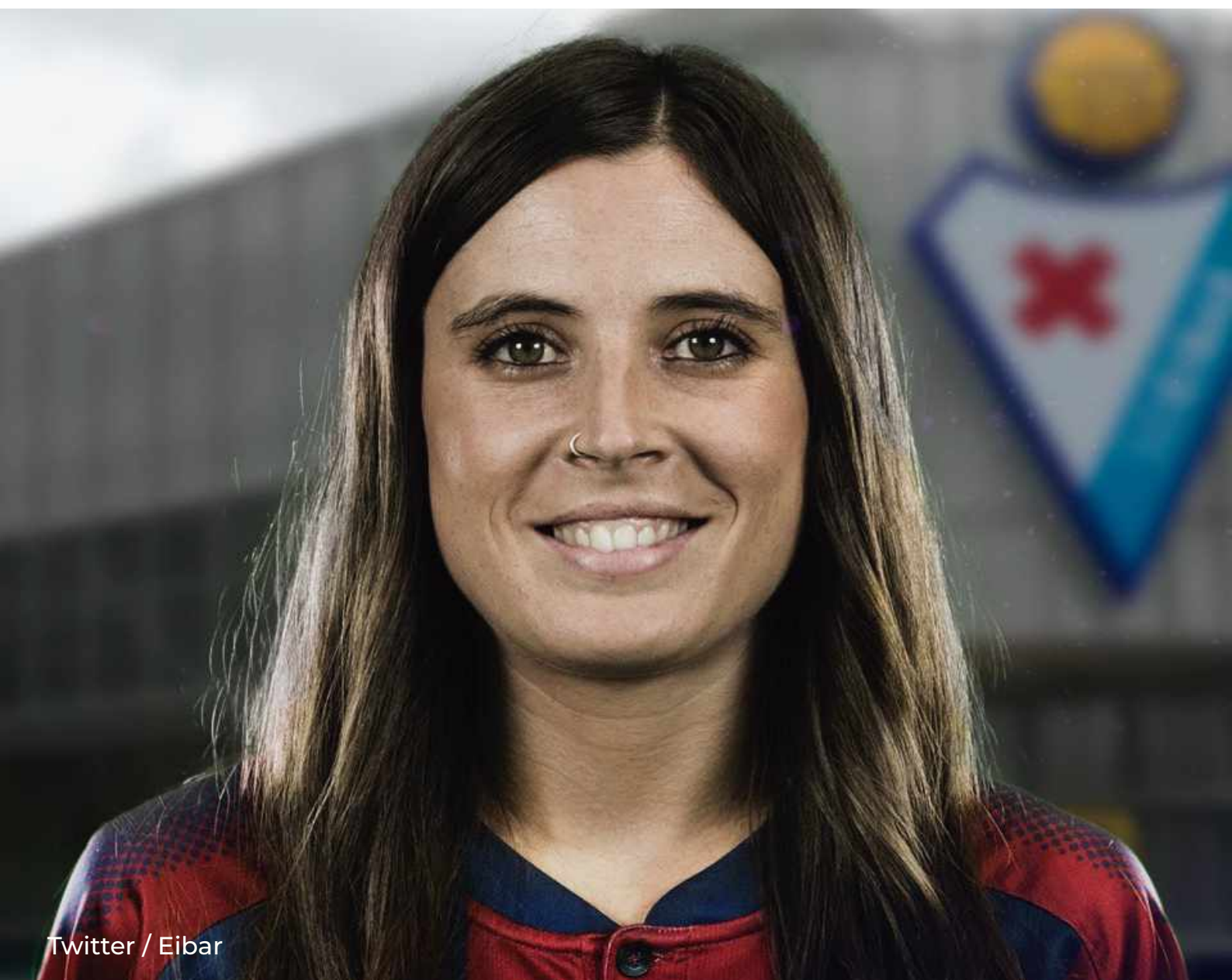
A: Foi empolgante e uma honra para mim colaborar com os projetos que o Eibar tinha e tem para o futebol feminino, além de participar como capitã de um grande time, representado a todas e a cada uma de minhas companheiras de jogo — de quem me sinto orgulhosa —, minhas amigas e ao meu clube em eventos do nível da cidade, da nação e, inclusive, com algum alcance internacional (como foi o Bilbao International Football Summit - BIFS2018). Espero que tudo isso tenha sido também como um bom exemplo para o futebol feminino eibarres, entre nossa cantera e para qualquer um que ame o futebol.

Foi um esforço diário que, em meu caso, não tenho dúvidas de que foi recompensador. Sempre estarei agradecida e este clube, às pessoas que depositaram em mim sua confiança desde o primeiro dia, tanto pela capitania quanto por fazer parte do time principal praticamente desde os 15 anos e por todos os eventos e acontecimentos que pude presenciar e participar.

Sempre será um orgulho muito grande ter sido escolhida como símbolo de um clube como o SD Eibar, reconhecendo meu trabalho realizado com a mesmíssima insígnia de ouro recebida pela presidenta Amaia Gorostiza em nome do clube, ao final de minha etapa como jogadora. Essa se encerrou, mas eu sempre estarei disposta a seguir trabalhando e ajudando em tudo para conseguir o melhor futuro para as mulheres que vêm nas novas gerações.

**R: De um modo geral, você pensa que o futebol feminino na Espanha está em evolução? Se sim, em que aspectos?**

A: Sim, categoricamente sim. Está evoluindo de maneira favorável. A cada dia, grandes clubes apostam no nosso futebol, há mais recursos, que são melhor aplicados. Começam a ser vistos êxitos dos times femininos espanhóis, da seleção, desde as categorias mais jovens — cada vitória sendo um passo adiante para incentivar mais meninas a praticar este esporte. Seguramente, falta mais apoio da sociedade em geral, mas principalmente dos meios de comunicação, que com um enfoque mais informativo e dedicando mais tempo ao nosso esporte, podem gerar a empolgação e o interesse na sociedade, para formar parte de um FÚTBOL em mayúsculas, sem levar em conta se são homens ou mulheres, mas apenas a beleza, magia e esperança que uma grupo de pessoas pode gerar com uma bola entre seus pés, representando algumas cores. Como dizia antes: creio que o futebol feminino já é uma realidade, incipiente, mas imparável. ■



**[revistarelvado.com.br](http://revistarelvado.com.br)**